



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O IMPACTO DA COMUNICAÇÃO NA PEDAGOGIA
CONTEMPORÂNEA**

FABIANO DA SILVEIRA ALVES FERREIRA

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

O IMPACTO DA COMUNICAÇÃO NA PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

FABIANO DA SILVEIRA ALVES FERREIRA

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré Cabral

Rio de Janeiro
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

FERREIRA, Fabiano da Silveira Alves.

O impacto da comunicação na pedagogia contemporânea. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré Cabral

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O impacto da comunicação na pedagogia contemporânea**, elaborada por Fabiano da Silveira Alves Ferreira

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré Cabral
Doutor em Ciência da Literatura pela Faculdade de Letras – UFRJ
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Raquel Paiva de Araujo Soares
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressões e Linguagens da Escola de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Marcio Tavares d’Amaral
Doutor em Ciência da Literatura pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Rio de Janeiro

2019

*À minha vó Vicentina,
por sempre ter acreditado em mim.*

*“No presente, a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve
mais”*

(Antônio Carlos Belchior)

FERREIRA, Fabiano da Silveira Alves. **O impacto da comunicação na pedagogia contemporânea**. Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré Cabral. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso irá tratar da associação das áreas da comunicação e educação na tentativa de apresentar modelos pedagógicos que rompam com a metodologia tradicional. Analisando assim como esse movimento deu origem a Educomunicação, uma forma de ensino-aprendizagem na qual a comunicação vem para auxiliar as práticas educativas. Esta monografia irá buscar entender se essas formas de ensino são de fato mais eficientes, levando em consideração também os avanços tecnológicos e a inclusão dos meios de comunicação na educação. Para isso será feita uma revisão na bibliografia pertinente ao campo, apontando assim a tendência dos pensadores de ambas as áreas sobre o tema analisado. Além de um estudo de caso instrumental, que partirá de uma pesquisa qualitativa envolvendo alunos e professores do curso de Medicina do UNIPAM, uma instituição de ensino do interior de Minas Gerais que aplica no curso uma metodologia ativa alternativa a tradicional com um viés atrelado a área da comunicação.

Palavras-chave: comunicação; educação; pedagogia; metodologias ativas; educomunicação.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Delimitando a Educação.....	5
2.1. Conceituação, histórico brasileiro e os primórdios da relação com a comunicação.....	5
2.2. Uma análise crítica das teorias educacionais.....	9
3. Comunicação e pedagogia.....	20
3.1. A Educomunicação.....	20
3.2. O embate das novas tecnologias na educação atual.....	24
4. Para além da teoria: a aplicabilidade da comunicação em metodologias pedagógicas ativas.....	29
4.1. A metodologia PBL.....	29
4.2. A comunicação na grade curricular.....	37
5. Conclusão.....	49
6. Referências Bibliográficas.....	53

1. Introdução

Atualmente vive-se um momento em que o modelo tradicional pedagógico aplicado na maioria das instituições de ensino não tem apresentado bons resultados para a sociedade brasileira. A evasão escolar tem aumentado assim como o desinteresse dos alunos pelo estudo¹. Além disso as ameaças de cortes/contingenciamento de gastos para a educação², especialmente no ensino superior, também se apresentam como mais um medo que pode piorar essa situação. Sendo assim descobrir novas maneiras de reformular a educação é essencial, tanto no ensino básico, quanto no superior.

Com essa necessidade de mudança nos métodos educativos tradicionais novas metodologias vêm surgindo. E é nesse ponto que a comunicação se mostra como grande aliada da educação. Atualmente uma série de metodologias educacionais tem reservado parte de suas grades para aulas de comunicação ou tem utilizado de abordagens teóricas da área para dinamizar e obter melhores resultados em suas disciplinas. Além disso, também há a utilização de novas tecnologias da comunicação em sala de aula. Com o *boom* tecnológico dos últimos anos uma série de novos adventos têm sido introduzidos no espaço educacional e têm sido aliados do professor no ensino.

Assim esta monografia irá estudar justamente a aplicação da comunicação na pedagogia, como se deu esse vínculo e como ele tem ganhando espaço nas salas de aula. Se mostrando uma alternativa ao modelo tradicional, que já não consegue o mesmo engajamento dos alunos especialmente devido a fatores como surgimento dessas novas tecnologias e o rompimento com a relação puramente hierárquica aluno/professor. O trabalho em questão supõe que o impacto da união dessas áreas é realmente positivo podendo ser uma das soluções para a reinvenção que a educação demanda atualmente e para essas lacunas que o método convencional apresenta.

Para isso o trabalho irá refazer brevemente o percurso da educação no Brasil e buscará entender como começou essa relação da comunicação e da pedagogia. Até chegar ao cenário atual, no qual novos métodos de ensino se debruçam completamente nessa relação

¹O desafio de manter jovens no ensino médio, principal obstáculo à universalização da educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/06/20/o-desafio-de-manter-jovens-no-ensino-medio-principal-obstaculo-a-universalizacao-da-educacao.ghtml>>. Último acesso em: 11 de outubro 2019.

²Corte ou contingenciamento, quem está certo na guerra de narrativas da educação? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/31/politica/1559334689_188552.html> Último acesso em: 11 de outubro de 2019.

entre as duas áreas. Passando do puro uso instrumental da comunicação a metodologias que se baseiam fortemente em abordagens comunicacionais. E a partir daí irá exemplificar e discorrer como esses métodos e novos adventos tem se mostrado grandes diferencias para o sistema educacional.

Esta monografia buscará compreender essa nova forma de se fazer educação a partir de uma revisão bibliográfica que inclui obras e/ou pensamentos de Paulo Freire, John Dewey, Antonio Gramsci, Muniz Sodré, Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares. Autores que abordam em seus textos maneiras de se reestruturar esse modelo tradicional do sistema educacional. Além disso também será realizado um estudo de caso instrumental com uma instituição de ensino do interior de Minas Gerais, a Faculdade de Medicina do UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas). A qual utiliza uma metodologia alternativa a convencional que possui fundamentos da área de comunicação, além de possuir na grade do curso aulas específicas que visam desenvolver as habilidades comunicativas de seus alunos. O estudo será feito especialmente a partir de uma pesquisa qualitativa com alunos e professores e informações dispostas no site da universidade, buscando ilustrar o conhecimento teórico visto na bibliografia que será analisada. Para assim analisar se também na prática essa utilização da comunicação na educação tem trazido resultados positivos.

O tema e objeto trabalhado nessa monografia se mostrou interessante para o autor do estudo a partir de insatisfações pessoais e de pessoas próximas para com o modelo no qual estudaram durante toda a vida. Assim foi notado um descontentamento por parte de então alunos de modelos tradicionais, que não viam mais na maneira que estavam sendo instruídos uma verdadeira eficiência dessa aprendizagem. Por isso após um estudo prévio de alternativas a esse modelo tradicional e do contato com pessoas que estudaram em modelos pedagógicos alternativos buscou-se aprofundar nesse tema e a delimitar um objeto de estudo que relacionasse as áreas da comunicação e da pedagogia. Com relação a instituição utilizada no estudo de caso o autor do trabalho escolheu o UNIPAM por já saber que método não seguia os padrões do modelo tradicional e ter tido contato com alunos que estudam na universidade, já que morava anteriormente na cidade.

No primeiro capítulo desta monografia será feita uma delimitação da educação a partir de sua conceituação por alguns pensadores, o processo histórico do campo no Brasil e como começou sua relação com o âmbito comunicacional. Além disso também apresentará um abordagem crítica das correntes educacionais, tanto do modelo tradicional quanto das novas concepções da educação.

Para a delimitação histórica da educação no Brasil será utilizado o mesmo percurso feito por Muniz Sodré em seu livro “Reinventando a Educação” uma vez que foi disposto de maneira bem didática e aponta pontos importantes da história do processo educacional no país. Essa parte também será acrescida da relação da educação com o rádio, na qual se deu de certa forma, o começo dessa relação entre as principais áreas abordadas neste trabalho acadêmico.

Após essa abordagem histórica será feita uma análise das teorias educacionais. A crítica ao modelo tradicional será vista especialmente a partir das leituras de Paulo Freire, Antonio Gramsci, Adilson Citelli e Muniz Sodré. Enquanto a crítica aos novos modelos da educação ficará por conta das obras estudadas de Dermeval Saviani e István Mészáros. Vale ressaltar que como este trabalho faz uma crítica maior ao modelo tradicional esse pensamento será recorrente ao longo de todo o percurso da monografia. No entanto também será necessário um olhar crítico dos modelos novos e da situação atual da educação brasileira, por isso será reservado um espaço para a crítica também desse cenário.

No segundo capítulo irá ocorrer de fato a análise da relação entre a comunicação e a educação na contemporaneidade. Em como a partir dos desdobramentos da tecnologia e dos meios de comunicações o modo de conduzir o ensino também mudou. Uma vez que a escola já não mais possuía o lugar central e único de fornecer o conhecimento. A partir de então ela começou a disputar com esses novos aparatos essa posição e assim se viu uma necessidade de reestruturação nesse sistema. Que acabou envolvendo a comunicação muito mais que somente no âmbito técnico, mas em todo o conceito dessa nova forma de se fazer educação.

Portanto, no primeiro subcapítulo dessa parte do trabalho será discorrido sobre a Educomunicação, termo utilizado para explicar essa junção desses campos e em como teorias e abordagens comunicacionais tem ganhado espaço no âmbito educacional. Para isso foram utilizados como base as leituras de Ismar de Oliveira Soares, Martín-Barbero e Adilson Citelli, que abordam constantemente em suas obras os conceitos que envolvem a educomunicação.

Além disso no próximo subcapítulo se dará destaque a questão tecnológica que também tem ganhado evidência nessa aproximação dos campos. A partir da leitura principalmente de David Buckingham será discutido como a utilização dessas tecnologias em sala de aula pode ser benéfica, ainda que exista uma luta entre aqueles que defendem esse posicionamento e quem é contra essa abordagem.

Sendo assim, de maneira a ilustrar as considerações teóricas apontadas nos capítulos anteriores, este trabalho também irá realizar um estudo sobre uma faculdade específica que utiliza dessas abordagens da comunicação tanto no próprio método educacional quanto ao incluir aulas que visam o aprimoramento das habilidades comunicacionais. A metodologia pedagógica que será analisada no início do terceiro capítulo é o PBL (Aprendizagem Baseada em Problemas, em inglês), que visa desenvolver uma maior autonomia dos alunos ao colocá-los como participantes ativos da construção do conhecimento e não dependerem inteiramente do professor. Método que está se tornando muito comum nas instituições do ensino da medicina, posto que visa, além de seus demais objetivos acadêmicos, formar um profissional de saúde mais humanizado e capaz de estabelecer uma melhor relação com o paciente. Assim também será feito, para efeitos de embasamento teórico, um paralelo das ideias de John Dewey e Joseph Jacotot com os ideais que a metodologia utilizada no UNIPAM defende, uma vez que essas correntes dialogam muito bem entre si. Toda essa análise se dará a partir da realização de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas em profundidade, com membros do corpo discente e docente da instituição. Dessa forma este trabalho irá observar se os objetivos da instituição se mostram presentes na prática especialmente através do ponto de vista dos alunos.

Além da metodologia PBL em si, no segundo subcapítulo dessa parte do trabalho, serão analisadas as aulas de comunicação que o curso inseriu na grade horária, que buscam o desenvolvimento das habilidades comunicacionais dos futuros médicos em seus ambientes de trabalho e especialmente com seus pacientes. Já que desde os primeiros períodos da graduação os alunos têm contato com a prática.

Assim esse caminho traçado visará entender se de fato a aplicação da comunicação na pedagogia tem trazido resultados positivos para o campo. Se na necessidade de uma mudança no processo educativo essas abordagens teórico-práticas, os adventos tecnológicos e os meios de comunicação possuem um papel fundamental dentro do ambiente escolar.

2. Delimitando a Educação

Identificar o que é e como se deram as transformações no âmbito educativo, especialmente no cenário brasileiro, não é uma tarefa muito simples e que normalmente requer um estudo mais detalhado e uma análise profunda. No entanto para melhor compreensão do objeto de estudo dessa monografia viu-se necessário transitar rapidamente pelo conceito da educação através do pensamento de alguns pensadores e filósofos que dentro dos seus estudos também dialogaram com esse campo.

Além disso, para entender melhor o cenário atual da pedagogia e sua relação com a comunicação é fundamental uma passagem, ainda que rápida, pela história da educação no Brasil, em como se deram as transformações vistas no cenário educativo e como começou essa associação com o campo comunicacional. E também fazer um recorte das teorias educacionais, trazendo a influência de correntes teóricas na história (e vice-versa) e uma análise crítica desses modelos. Tanto das formas tradicionais de ensino, quanto da chamada pedagogia nova, na qual se inserem metodologias alternativas a esse modelo convencional e que são o foco deste trabalho acadêmico.

2.1 Conceituação, histórico brasileiro e os primórdios da relação com a comunicação

Na tentativa de entender melhor o que é a educação inúmeros pensadores discorreram em suas obras sobre esse amplo conceito. No livro “Reinventando a Educação” (2012) Muniz Sodré elenca algumas dessas concepções de educação de acordo com vários filósofos, educadores e sociólogos. Para Durkheim, por exemplo, a educação seria um bem social, um instrumento capaz de sociabilizar os indivíduos. E no caso específico da criança e do jovem seria o modo de forçá-los a pertencerem à sociedade adulta. Uma vez que não é pelo amor que as pessoas buscam a instrução e sim por essa obrigação para com a sociedade na qual estão incluídos. Assim o sucesso desse processo também garantiria o melhor desenvolvimento da sociedade no geral. Ele também aponta dentro desse aspecto que a autoridade do professor e obediência dos alunos ao respectivo é somente uma necessidade, que deve acontecer a partir do reconhecimento e consentimento dos próprios alunos.

Já Hannah Arendt é contrária a esse pensamento ao afirmar que tal obediência se dá a partir do sistema hierárquico que rege as relações de ensino e de maneira ditatorial reforça a superioridade do adulto. Para a filósofa a instrução é diferente da educação. Visto que a

função da escola não é a de instruir os alunos de como devem viver, mas sim mostrar como o mundo de fato é. Tal característica é facilmente notada nos modelos tradicionais de educação. Nietzsche também se mostrou direto a respeito do conceito: “A educação é em primeiro lugar a aprendizagem do necessário, depois da mudança e do variável”.(NIETZSCHE apud SODRÉ, 2012, p.19)

Enquanto isso Adorno defende a educação como forma de emancipação do ser humano. Sendo ela o meio de se afastar desse estado que para ele é uma forma de atraso do indivíduo. Pensamento similar ao de Kant que via na disciplina da educação a forma de afastar o homem de sua tendência animal e o aproximar de seu destino, que seria a humanidade possibilitada pelo processo de ensino, explica Sodré.

A educação como aspecto formal responsável por levar conhecimento a cada indivíduo de uma comunidade já passou, e ainda passa, por inúmeras mudanças com as transformações das sociedades nas quais ela é inserida. Experimentando desde um modelo no qual a transmissão de conhecimento era feita de forma oral, como na Grécia antiga, para a institucionalização do saber, na modernidade. Voltando-se ao caso específico do Brasil, Sodré em seu livro delimita o percurso histórico da educação no país. No período colonial, a educação formal era restringida a elite. Enquanto o trabalho manual e braçal ficava a cargo dos escravos e analfabetos. Essa divisão era essencial para consolidar o poder sociopolítico da classe nobre da época. No entanto, com a vinda da Corte para o Brasil a situação começou a tomar outro rumo estendendo a garantia da alfabetização e educação a todas as crianças livres (brancas). Já no Segundo Império os jesuítas ao retornarem ao país introduziram modelos pedagógicos que se desenvolveram e perduraram até o final da República Velha, quando os abolicionistas começaram a desenvolver uma consciência maior sobre a situação da educação primária e secundária no país.

Rui Barbosa³, nome de peso para a educação brasileira, não via esses problemas como exclusivos da pedagogia, mas também com um caráter político. Joaquim Nabuco⁴ também compartilhava desses pensamentos.

A liberdade sem o trabalho não pode salvar esse país da bancarrota social da escravidão, nem tampouco merece o nome de liberdade: é a escravidão da miséria. O trabalho sem instrução técnica e sem a educação moral do operário não pode abrir um horizonte à nação brasileira. (NABUCO apud SODRÉ, 2012, p. 125)

³Considerado um dos intelectuais mais importantes de seu tempo, atuou na defesa do abolicionismo e na promoção de direitos individuais. Além de voltar-se especialmente para os problemas da educação e cultura que o país possuía em sua época.

⁴Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, também atuou em prol do abolicionismo.

Ele via a escola como a instituição mais útil ao Estado, de modo que educasse os antigos escravos e difundisse ideias de justiça e solidariedade nos ambientes dos mais privilegiados. Sodré discorre sobre como os abolicionistas eram uma espécie de educadores coletivos e a própria causa já era um movimento educacional, que visava preparar toda uma nação para ingressar no novo século da modernidade sem o estigma e a cultura escravocrata, que não mais eram compatíveis com a conjuntura internacional. No entanto a educação pública voltada de fato aos mais pobres só ganhou visibilidade no período republicano. Quando a economia e o Estado perceberam a necessidade de uma capacitação de uma nova modalidade de mão de obra, visto que a produção industrial ganhava espaço no período.

A modernização da pedagogia no Brasil se dá de fato a partir da figura de Anísio Teixeira. Intelectual fundamental para a educação brasileira, ele assume a responsabilidade pela área no final da década de 1920 e influenciado por John Dewey⁵ dá destaque para a democratização do processo educacional, valorizando a escola pública e quebrando a separação do ensino qualificado para a elite e o ensino utilitário para os mais pobres. Uma vez que a igualdade de oportunidades só seria garantida pela educação. (SODRÉ, 2012, p 128).

Durante esse período outro aspecto influenciou muito na educação brasileira. Quase que inaugurando o vínculo da comunicação e seus meios com o âmbito da pedagogia. Desde 1920, quando chegou ao Brasil, até bem recentemente o rádio foi responsável por vincular programas e assuntos que visassem uma educação de maneira informal (ainda que muitas vezes tratasse de assuntos formais) do cidadão brasileiro.

Adilson Citelli (2010) explica como num cenário onde 80% da população era analfabeta utilizar o rádio para o viés da educação fazia total sentido. A tradição oral que se tinha na época casava perfeitamente com a ferramenta escolhida para fazer esse papel de educador das massas. Roquette-Pinto⁶ e Anísio Teixeira - que escreveu um dos primeiros textos sobre a ligação do rádio e a educação: “Rádio Educação” - foram os dois educadores que encontraram ali uma maneira de reverter essa situação da educação e letramento da população brasileira. Eles entendiam que para a situação do país melhorar num âmbito geral deveria se começar a mudança pela educação. E o rádio seria a melhor ferramenta para ajudar

⁵Pedagogo e filósofo norte americano. Contrário ao sistema tradicional de educação propôs a escola do Pragmatismo, um modelo de ensino focado no aluno como sujeito e valorizando a prática na aprendizagem. Seu modelo será melhor explicado no quarto capítulo “Para além da teoria: a aplicabilidade da comunicação em metodologias pedagógicas ativas” desta monografia.

⁶ Pesquisador, médico e educador que fundou a Rádio Sociedade no Rio de Janeiro, atual Rádio MEC, e escreveu inúmeros textos sobre o papel do rádio na educação.

a reverter essa sensação de descaso do governo, e evacuação da população, para com a educação formal. (CITELLI, 2010).

No caso brasileiro, além dos problemas de escolaridade, a distância entre o campo e as cidades urbanas na época e a dimensão territorial fizeram com que o rádio e futuramente a televisão se tornassem fontes quase únicas para boa parte população terem acesso à informação e ao entretenimento.

O rádio é a escola dos que não tem escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado⁷

Foi nessa mesma década de 1920, que surgiram as reformas estaduais, em São Paulo, Minas Gerais, no Distrito Federal e na Bahia. Além desses estados, também houve uma discussão em nível nacional, a partir de ideias inovadoras sobre o processo de ensino-aprendizagem de um grupo de educadores que culminou, em 1924, na fundação da Associação Brasileira de Educação. Visando a implantação de uma política nacional para o campo, a instituição elaborou propostas que envolviam, por exemplo, a universalização do ensino primário, obrigatório e gratuito, para todos de responsabilidade do Estado.

Nesse cenário surgem a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e a Rádio Educadora de São Paulo, ainda com um caráter elitista, devido ao conteúdo veiculado (música clássica e discursos científicos) e também ao fato de poucas pessoas terem aparelhos de rádio na época. No entanto, logo em seguida, em 1925, a rádio carioca começou a veicular aulas de disciplinas variadas visando uma abordagem mais popular da educação. Reforçando o que Roquette-Pinto buscava, uma melhora no nível intelectual e educativo da população em geral. (ANDRELO, 2012) No ano seguinte Roquette-Pinto publica o artigo “Radioeducação do Brasil”, no qual ele traça um plano para transformar em cerca de cinco anos a mentalidade popular do país através da fundação de radioescolas em cada estado Brasileiro.

Durante a década de 1930 o cenário da radio como mídia educadora sofre algumas mudanças. A necessidade de formar uma mão de obra que atendesse a economia nacional fez com que fosse priorizado o ensino de uma educação mais técnica. E com o Estado Novo e a Constituição de 1937 não apenas a rádio sofre uma intervenção, mas a educação no geral, oficializando-se então o dualismo educacional, o ensino profissionalizante as classes mais

⁷ Fala histórica de Roquette-Pinto sobre o papel do rádio na sociedade brasileira da época. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/2004/arquivo/roquette-pinto.html>>. Último acesso 12 de setembro de 2019.

pobres e o secundário as elites.

Ideais patrióticos também foram altamente incorporados e divulgados, especialmente durante década de 1940. “A emissora [Rádio MEC] era forçada a transmitir solenidades oficiais e semi-oficiais, muitas vezes impróprias a uma irradiação, o que contribuiu sobremaneira para que os ouvintes se desabituassem de sintonizá-la.” (SALGADO apud ANDRELO, 2012, p. 143). Assim no fim do populismo a educação é vista como forma de mobilização política (início década de 1960). Visto que com o surgimento de novas universidades a população estudantil cresce exponencialmente e começa a utilizar da educação como uma forma de mobilização social dos alunos. No entanto o cenário se altera novamente durante o período da ditadura militar. Com a repressão a esses movimentos estudantis a educação adota um viés tecnicista.

No final do século XX e início do XXI, aumenta a discussão referentes às interfaces comunicativas (especialmente com relação a comunicação de massa) na educação. Porém a noção de aula ou simplesmente a propagação de conteúdo caracteristicamente escolar no rádio é praticamente abandonada. As emissoras comerciais começam a se limitar a transmissão de curtos programas de prestação de serviços da sociedade, como de prevenção à doenças e cuidados com o meio ambiente. Enquanto as emissoras educativas apostam em formatos com um aspecto mais cultural, como a abertura para estilos musicais diversificados acrescidos de informações sobre eles.

Atualmente a situação da educação brasileira está longe de ser considerada ideal. Com relação ao ensino superior, quando comparado a outros países, o Brasil quase sempre fica de fora da lista das melhores universidades mundiais⁸. E no ensino básico a situação também não é diferente, segundo o relatório do ultimo PISA⁹ (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) o Brasil ocupava a 63ª posição, entre os 70 países analisados.

2.2 Uma análise crítica das teorias educacionais

A escola brasileira como é conhecida hoje, em sua maioria, aplica o modelo tradicional de educação difundido atualmente em várias comunidades pelo mundo. Basicamente uma metodologia na qual o professor através de aulas expositivas busca

⁸ De acordo com o ultimo QS World University Rankings 2020, que avalia as melhores universidades do mundo nenhuma instituição brasileira figura entre as 100 melhores. A USP foi a universidade nacional que chegou mais próxima, na posição de numero 116.

⁹ Um novo ranking está previsto para sair no começo de dezembro de 2019.

preencher os alunos com informações seriadas. Alunos esses que são na maioria do tempo ouvintes passivos dessa exposição repetitiva de conteúdo.

Paulo Freire, patrono da educação brasileira e uma das maiores referências da área, caracterizava esse modelo de ensinar como uma “Educação Bancária”, um modelo vertical de ensino no qual o professor, detentor de todo o conhecimento, depositaria seu saber no aluno, que funcionaria como uma espécie de receptáculo da informação. Freire, em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1987) criticava duramente esse modelo de ensino ao apontar que o educando também teria como contribuir nesse processo de ensino-aprendizagem. Para ele esse modelo de educação unilateral era extremamente problemático, uma vez que não haveria espaço para questões como a criatividade e a autonomia do aluno, impossibilitando-o de desenvolver seu senso crítico e possuir voz durante a sala de aula. O que é uma grande perda, uma vez que essas vozes individualizadas contribuem imensamente para a aprendizagem. Cada qual com sua herança sociocultural e territorial tem novos conhecimentos e novos pontos de vista a se oferecer ao coletivo. “A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.” (FREIRE, 1987, p. 34)

Os modelos escolares com os quais convivemos – frequentemente chamado, à falta de melhor termo, de tradicionais – estão construídos em torno de três eixos básicos: hierarquia, coerção, exclusão. A tendência nesse tipo de escola foi de elaborar programas educativos fechados em que não se ajustam comportamentos que possam levar à quebra das sequências hierárquicas justificadas pela lógica da melhor escolha dos conteúdos e pela autoridade de quem os selecionou. Há que se ensinar, pois, um conjunto de itens cuja pertinência se afirma como a única possível, sendo as vozes da fratura objetos de possíveis punições. (CITELLI, 2004, p. 84)

Adentrando nesses três eixos apontados acima tem-se o problema da exclusão como um dos aspectos mais controversos desse modelo tradicional da educação. Esse aspecto é melhor compreendido quando se pensa na quantidade de repetições que ocorrem, principalmente em séries iniciais e que culminam num afastamento do jovem do ambiente escolar. Paulo Freire, contrário a esse aspecto, defende que insistir na reprovação de alunos nos ciclos iniciais agrava mais a situação e impede uma grande quantidade de crianças a frequentarem as aulas. Assim Citelli também reforça em sua obra que a quebra dessa “pedagogia da repetência” é interessante pois garante maior permanência dos alunos nas salas de aula, afastando a possibilidade do envolvimento dos estudantes com atividades ilícitas, por exemplo, além de melhorar a autoestima dos jovens.

Outro eixo citado acima é a questão da hierarquia na escola, a qual demarca as relações de poder com as quais os alunos já se acostumam desde cedo. Além de acentuar a

questão da posição de passividade do estudante que enxerga o professor como o “detentor de todo o conhecimento” não podendo, portanto, ser questionado. Citelli também cita a questão da coerção. Todavia a questão da repressão em sala de aula já evoluiu muito nos últimos anos, desde quando castigos físicos forçados as crianças eram comuns até atualmente, quando métodos coercitivos burocráticos são impostos aos estudantes, como o afastamento de aulas ou simples advertências.

Além desses três itens apontados anteriormente outro ponto negativo desse modelo tradicional é a defesa de um único saber correto. Muniz Sodré (2012) discorre sobre essa perspectiva a partir de um conceito desenvolvido pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos como “monocultura do saber e do rigor”. Que valoriza somente esse conhecimento técnico científico aprendido na escola e descredita todas as outras formas de desenvolver a cognição na sociedade.

Herdada do colonialismo essa monocultura do saber normalmente prega uma visão eurocêntrica do mundo. Que vai de encontro muitas vezes a conceitos e conhecimentos de outras regiões do planeta e acaba causando mais problemas se analisada a fundo. Como a evasão escolar de alunos que não se sentem contemplados no conhecimento que estão recebendo, por exemplo. As variações linguísticas são um ótimo exemplo para se entender como essa monocultura tem efeitos na prática.

Vale frisar que a escola é o lugar determinado do sistema social onde se reconstitui o movimento de produção do conhecimento, mas sempre como um efeito das relações de classe. A língua nacional ensinada nas escolas não escapa ao jogo das diferenças de classes, na forma de conflitos linguísticos (práticas contraditórias da linguagem), disfarçados pela suposta uniformidade do idioma pátrio. (SODRÉ, 2012, p.25)

Tendo em vista isso, Sodré prossegue o raciocínio apontando a alternativa que Santos propõe a essa monocultura: a possibilidade desse saber científico dialogar com os saberes populares e laicos. Sem colocar todos esses num mesmo patamar, uma vez que o mais importante é entender os reflexos desses conhecimentos na realidade.

Devido a esses fatores explicitados, e tomando por base a análise da educação convencional, percebe-se que outra forma de se entender os diferentes momentos da educação é através do viés ideológico das teorias educacionais. No livro “Escola e Democracia” (1989) Dermeval Saviani adentra na questão da marginalidade que recai sobre parte da população para analisar a partir desse aspecto a educação e os modelos pedagógicos que se deram nos últimos séculos. Para isso ele divide as teorias educacionais em dois grupos distintos, que ele classifica como teorias não críticas e teorias crítico-reprodutivas. Sendo as

primeiras mais interessantes para a análise do cenário da educação brasileira. Além do fato de que as crítico-reprodutivas não se constituem propostas pedagógicas por si só. Elas servem para explicar a escola da maneira como ela já é. (SAVIANI, 1989)

Sendo assim esse primeiro grupo, o das teorias não críticas, coloca a marginalidade como um desvio de uma sociedade “essencialmente harmoniosa”, dessa forma esse desvio deve ser corrigido portanto por meio da educação. Já nas teorias crítico-reprodutivas a sociedade é de fato marcada por essas divisões entre grupos e classes. Portanto a educação é um dos instrumentos de discriminação, tendo assim a função de reforçar tal dominação através dessa marginalização. (SAVIANI, 1989)

Saviani explica que as teorias não críticas se subdividem na pedagogia tradicional, nova e tecnicista. As quais já começaram a serem analisadas no início desta monografia a partir de um breve histórico dos desdobramentos da educação brasileira. Saviani explica que a pedagogia tradicional, que é a maior explicitada e criticada no começo deste capítulo, se formou a partir dos interesses da nova classe que se consolidou no poder, a burguesia. Assim sua constituição se deu a partir do princípio que a educação seria um direito a todo cidadão e por isso um dever do Estado. Numa maneira de transformar os antigos “súditos” em cidadãos. Para essa forma pedagógica o marginalizado seria fruto da ignorância.

É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido. A escola surge como um antídoto a ignorância, logo um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos. (SAVIANI, 1989, p.18)

No entanto Saviani admite que esse modelo de escola não conseguiu realizar essa universalização do conhecimento. E as críticas a esse modelo aumentaram. Contraposta a essa pedagogia tradicional tem-se a pedagogia nova, que matinha esse pensamento da escola enquanto responsável pela equalização da sociedade. Porém se a escola não conseguia resolver esse aspecto que é sua função admitiu-se então que o tipo da escola utilizado estaria errado (SAVIANI, 1989). Esse “escolanovismo” bebe da mesma fonte de educadores como Dewey e é praticamente a base dos modelos alternativos ao tradicional que serão analisados nesta monografia.

Saviani explica que de acordo com a Pedagogia Nova a marginalidade não se dá na ignorância, ou seja, na falta de conhecimentos, mas sim a partir da figura do rejeitado,

daquele que não está inserido no padrão vigente. De forma a valorizar cada indivíduo de acordo com suas particularidades e reconhecendo que não são todos iguais, e sim cada qual com suas diferenças.

Compreende-se então que essa maneira de entender a educação, por referência a pedagogia tradicional tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do direitivismo para o não-direitivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. (SAVIANI, 1989, p. 20)

Por fim Saviani apresenta a pedagogia tecnicista, onde a marginalidade é deslocada para o “incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é o ineficiente e improdutivo” (SAVIANI, 1989, p. 20). Uma vez que essa pedagogia era planejada de uma maneira mais racional onde a especialização em funções técnicas era o centro, e não mais o professor ou o aluno. Na pedagogia tecnicista o importante é aprender a fazer. (Diferentemente da tradicional onde o importante é aprender, ou na pedagogia nova onde o foco é aprender a aprender). Com o foco na eficiência e produtividade, o modelo tecnicista defende a reorganização do processo de ensino-aprendizagem de forma a se tornar “objetivo e operacional”.

Assim Saviani apresenta tais teorias fazendo uma crítica também a Escola Nova. Ainda que este trabalho reconheça a importância do movimento especialmente para as metodologias pedagógicas atuais, vale a pena entender que não é um método perfeito e que também seus pontos fracos. Para o autor, por exemplo, a crítica não está no modelo em si, mas na forma como essa pedagogia condena a pedagogia tradicional, como se deu seu desenvolvimento e para quem foi reservada esse tipo de escola.

A Escola Nova surgiu desacreditando o modelo tradicional, o colocando como algo pré-científico/medieval. Saviani explica que classificá-lo dessa maneira seria um tanto equivocado, uma vez que o método da pedagogia convencional foi calcado em conhecimentos já existentes fundamentado no empirismo, “base do desenvolvimento da ciência moderna”. Saviani também critica o fato da Escola Nova considerar o processo de ensino-aprendizagem como um meio de pesquisa. Visto que dentro dessa corrente muitas vezes coloca-se os alunos, que são o foco central do método, para delimitarem a forma de adquirir o conhecimento. Posto que valorizam todo o processo de se obter o conhecimento, e não somente o final e o resultado pronto. Saviani é contra tal aspecto uma vez que para ele

“sem o domínio do conhecido, não é possível incursionar no desconhecido.” (SAVIANI, 1989, p. 58). Afinal o processo de pesquisa se dá na tentativa descobrir algo que não se tem conhecimento. Contudo para o autor dessa forma os alunos não teriam nem mesmo o conhecimento necessário para partir nessa jornada de entendimento do desconhecido.

Saviani também afirma que esse modelo novo não seria democrático, uma vez que mesmo se afirmando como um modelo mais progressista do ensino quem mais se beneficiou dessa modelagem nova da educação “não foi o povo, não foram os operários, não foi o proletariado.” (SAVIANI, 1989, p.59). De maneira a legitimar a desigualdade e reforçar os privilégios da classe já privilegiada. Enquanto a maior parte da população continuou a ser educada a partir do método tradicional. Melhorando assim a educação para a burguesia e rebaixando a educação das classes inferiores.

O autor também explica que esse movimento se deu com a ascensão da burguesia. Essa enquanto classe revolucionária defendia a igualdade dos homens e a transformação da sociedade na qual estava inserida. No entanto com sua consolidação como classe dominante, para manter essa ordem democrática na qual aos burgueses já era reservada sua posição, os interesses mudam e assim uma nova maneira de se educar surge. Dessa forma a educação não pregaria mais a igualdade entre os homens e sim o contrário, visto que os homens, a partir de então, são diferentes e deve-se, portanto, respeitar tais diferenças. Assim Saviani coloca em ênfase a questão escolar como objeto de disputa dentro da sociedade capitalista. Uma vez que mais instruído o povo começa a escolher governantes que destoam da vontade da burguesia.

No entanto Saviani reconhece que se “a escola tradicional proposta pela burguesia volta-se contra seus interesses obrigando a uma recomposição de hegemonia através da escola nova” (SAVIANI, 1989, p.78), essa mesma transformação pode acontecer com esse novo modelo de pedagogia. Saviani aponta que essa abordagem de uma “Escola Nova Popular” aconteceu a partir da figura de Paulo Freire que se empenhou em transformar tal maneira de ensino-aprendizagem a serviço dos interesses de uma população que não fosse a burguesia, e sim a camada popular, o proletariado.

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Portanto, serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem

deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, 1989, p.79).

Atualmente vê-se que esse fenômeno está cada vez mais presente no cenário brasileiro. A crescente conscientização das classes populares - que ganharam espaço dentro das instituições de ensino (especialmente nas universidades públicas) nos últimos anos através das cotas e outras políticas públicas inclusivas - reforça o pensamento do autor. Devido a isso teme-se que essa população comece a se instruir a ponto de revolucionar o sistema como a própria burguesia uma vez fez. O movimento de desmonte das faculdades, a partir do “contingenciamento” de gastos por exemplo, e o ataque a educação pública que vêm ocorrendo se relaciona claramente a essas ideias apontadas por Saviani.

Esse ponto também se relaciona com pensamentos levantados por Paulo Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1987), o qual discorre sobre esse processo de libertação do ser humano oprimido e como se daria tal emancipação. Freire explica que aos olhos do grupo dominante essa libertação dos oprimidos significaria uma opressão dos opressores. Devido a essa consciência possessiva de mundo e de tudo por parte desse último grupo. Sendo assim para eles essa liberdade do oprimido é vista como uma ameaça, de maneira que essa humanização seja interpretada como uma subversão da ordem existente. Sendo assim a maneira de reforçar esse sentimento de posse é através do poder de compra, do capital, do dinheiro. Em função disso István Mészáros (2008) diz que tudo se liga a lógica do capital, e para uma mudança significativa em todos os aspectos tangentes a esse sistema é necessário a transformação desse viés.

Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência [...]. Mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social (MÉSZÁROS, 2008, p. 59)

O pensamento de Freire também explica o comportamento da classe dominante atualmente no Brasil. Tanto na área da educação quanto em outros aspectos sociais. Com o avanço dessa consciência das classes oprimidas, os opressores temem que essa “subversão” possa realmente acontecer. A libertação dos oprimidos aos olhos da burguesia é como uma anomalia que deve ser combatida, uma vez que desestruturaria todo o sistema que consolidou o poder dos opressores. Dessa maneira há toda essa articulação contra a educação, ferramenta essencial no processo de emancipação dos indivíduos. Esse ataque, à educação

pública especialmente, é uma reação a esse medo da perda do domínio. Uma maneira de desqualificar e desarticular esse processo de liberdade dos oprimidos. Por isso é visível os constantes artificios para impedir que a educação pública de qualidade chegue a grande parte da classes mais populares. De modo que esse medo não se torne realidade.

No entanto também existem questões a serem solucionadas no âmbito dos oprimidos, já que num primeiro contato com essa descoberta “os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou sub-opressores”(FREIRE, 1987, p.17). Uma visão um tanto individualista e frágil desse indivíduo antes oprimido. Uma vez que tal luta só é valida se há a busca pela recuperação da humanidade de si próprio e também de seus opressores, e não somente a vontade de oprimir os que o oprimem, explica Freire. Especialmente levando-se em conta que tal tarefa cabe somente aos oprimidos, já que para os opressores essas injustiças sofridas pelo outro grupo são o que perpetuam seu poder.

Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, roeste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, tem necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria. (FREIRE, 1987, p.17)

Vale ressaltar que esse pensamento de Paulo Freire dialoga diretamente com as ideias de educação defendidas pelo pensador Antonio Gramsci¹⁰. Uma vez que para ele através da escola as classes desfavorecidas poderiam se inteirar dos conhecimentos das classes dominantes. No artigo “Gramsci, filosofia e educação”, Marcos Francisco Martins elucida os pensamentos do filósofo italiano e explica como ele defendia o que foi denominado de “escola unitária”. A qual teria como objetivo socializar esses saberes historicamente produzidos, de modo que todos os indivíduos pudessem adquirir uma maior criticidade. Deixando de lado o que ele aponta como senso comum, que seria uma espécie de conhecimento pré-científico. E dispondo assim de condições semelhantes no processo de sobrevivência.

Percebe-se então que a educação em Gramsci é política uma vez que “interage no

¹⁰Filósofo italiano marxista. Seus pensamentos sobre política, sociologia, educação e cultura impactaram especialmente os ideais de esquerda durante o século XX. Seu principal diferencial estava na necessidade de uma mudança da mentalidade - através da educação principalmente - da população para a revolução do proletariado.

processo de produção e difusão de concepções de mundo e na transformação dessas em vontade coletiva”. (MARTINS, 2013, p. 27). Além de também ser intrínseca a questão da luta de classes.

Desde suas primeiras intervenções no *Ordine Nuovo*, Gramsci insiste no caráter político do problema educacional, e manifesta uma convicção de que o problema da escola, da difusão da instrução, é um aspecto decisivo para uma reforma democrática de toda a vida social do país; assim mesmo, está convencido de que a luta por uma escola única para todo o povo abre uma perspectiva socialista e representa um componente essencial da luta política sustentada pela classe operária para a afirmação de sua hegemonia. (BETTI apud MARTINS, 2013, p. 36)

Martins explica assim que para Gramsci a finalidade da educação seria justamente a forma de superar o capitalismo. Dessa maneira o pensador italiano apresenta o conceito de “educação desinteressada”. Diferente da educação tradicional burguesa, que é imediatista e busca apenas a formação dos indivíduos enquanto classe dominante, a educação desinteressada não tange somente uma pessoa ou um grupo pequeno de indivíduos, mas sim a coletividade. Para o filósofo essa seria então:

Uma educação e uma escola comprometidas com a formação e difusão de uma cultura geral humanística e propedêutica. [...] com vista a elevar a consciência de si e do mundo, rearticulando a própria personalidade e inovando as práticas sociais, concebendo-se como protagonista do próprio destino, condição necessária à superação do capitalismo e à construção de uma nova civilização, o socialismo. (MARTINS, 2013, p.29)

Não obstante István Mészáros discorre sobre como uma mudança significativa na educação é praticamente impossível sem uma transformação no quadro social que gira em torno do capital. O autor em seu livro “A educação para além do capital” aponta que mesmo as mais bem intencionadas “utopias educacionais” tiveram que permanecer “dentro dos limites da perpetuação do domínio do capital como modo de reprodução social metabólica”. (MÉSZÁROS, 2008, p.26).

Mészáros explica que os interesses de classe deveriam se sobrepor mesmo que por muitas vezes o sistema, para perpetuar seus interesses, manifestasse ações desumanas para com a classe popular. Visto que a lógica do capital deveria ser sempre incontestável. Aqui entende-se a crítica que Saviani faz a “Escola Nova”, a qual ainda que com uma visão progressista no seu surgimento teve de se ater a essas amarras do capitalismo para se adequar ao modelo no qual a sociedade está inserida. “É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”. (MÉSZÁROS, 2008, p.27).

Ou seja, para o autor ainda que novas reformas escolares aconteçam sempre haverá uma espécie de contenção para que essas se adequem ao sistema vigente. Ou então ações mais categóricas como as investidas contra a educação pública atualmente, que visam conter movimentos educacionais que busquem fugir dessas amarras do capital. Por isso István Mészáros afirma que as soluções para esse quadro não devem ser apenas formais, mas também essenciais. Uma vez que essa forma de educação institucionalizada serviu nos últimos séculos como forma de instrução técnica para o proletário, voltada a fazer girar o sistema econômico e legitimação dos interesses da classe dominante. Assim para o autor somente reformar o sistema educacional por vias institucionais não faz efeito, visto que é possível reverter esses quadros para priorizar o bom funcionamento da estrutura capitalista. “Cair na tentação dos reparos institucionais formais [...] significa permanecer aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada do capital” (MÉSZÁROS, 2008, p.48). O ideal seria então uma reforma no cerne da questão, na sua essência, já que:

O que precisa ser confrontado e alterado fundamentalmente é todo o sistema de internalização, como todas as suas dimensões, visíveis e ocultas. Romper com a lógica do capital na área da educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta e abrangente. (MÉSZÁROS, 2008, p. 47)

Apresentada tais críticas e recortes político-sociais vale ressaltar que o foco desse trabalho é a metodologia em si e seus resultados práticos. Que surgem de ramificações dessas maneiras de educar apontadas anteriormente. Assim, mesmo que as críticas de Saviani e Mészáros se direcionem a fatores que estão ao entorno desses novos métodos, elas são pertinentes e necessárias para entender o processo educativo tanto na sua totalidade quanto nas particularidades. E, portanto, também serão levadas em consideração na conclusão final deste trabalho acadêmico.

O entendimento dessas etapas da pedagogia é necessário para perceber como se dá a realização da própria. Ela avança a partir do registro de suas teorias as quais são postas em prática em seguida pelas instituições escolares. Sendo assim é válido salientar que o campo da pedagogia normalmente não é onde se dá a formação de novos conceitos, visto que tem como objetivo primário a reflexão sobre saberes e conceitos produzidos no campo da ciência e da cultura. No entanto Paulo Freire rompe com esse aspecto ao introduzir conceitos novos para figuras que tecnicamente já eram pautadas e concebidas. Tal reflexão é essencial no pensamento de aprendizagem de Freire pois leva em conta justamente aspectos antes

deixados de lado, como a vivencia própria de cada sujeito e sua realidade utilizadas na sua própria educação. A qual visa nada mais que o desenvolvimento de autonomia e consciência crítica. (SODRÉ, 2012)

3. Comunicação e pedagogia

A escola tradicional funciona como qualquer outra instituição social, um sistema com regras específicas que geralmente são herdadas de entidades que em algum momento histórico controlavam a hegemonia ideológica do pensamento que vigorava na sociedade, a igreja católica é o melhor exemplo disso (SODRÉ, 2012). No entanto com essas novas perspectivas e abordagens da educação, como a analisada nesta monografia, esse modelo já não se sustenta tão bem.

O estreitamento dos laços entre educação e comunicação, para além do fenômeno do rádio, se intensificou devido a revolução tecnológica que se deu nos últimos anos e aos meios de comunicação que também começaram a ganhar espaço nos ambientes escolares. Fator que divide opiniões, criando uma ambiguidade na aplicação dessas tecnologias no dia a dia dos estudantes.

No entanto essa aproximação das duas áreas extrapola a questão técnica e instrumental da comunicação. Ela também se deu pela necessidade de reformular o modo que o processo educativo era conduzido nos ambientes escolares. Assim surgiu a educomunicação, uma maneira de reorganizar a aprendizagem com o objetivo de colocar a comunicação como o ponto central das relações envolvidas no âmbito educacional. Com todas suas aplicações, desde a interação do professor com o aluno, até as ferramentas (teóricas e práticas) que as duas áreas podem desenvolver conjuntamente afim de contribuir para esse aprimoramento do sistema educacional.

3.1. A Educomunicação

Seja pela contemporaneidade e seus desdobramentos, seja pela quebra da unidirecionalidade comum a esse modelo educativo tradicional - que culminou no rompimento da especialização característica desse modelo, uma vez que a possibilidade de escolarização não se limita mais a esse ambiente escolar restrito, imutável e autoritário. Pode-se dizer que o sistema de ensino convencional foi de certa forma dominado pelo conjunto social no qual está inserido, uma vez que essas novas maneiras de se aplicar a comunicação e a informação estão entrelaçadas em vários aspectos cotidianos, desde o profissional ao pessoal, impactando de uma forma ou de outra a área da educação.

Ou seja, com as novas tecnologias, a liberdade da criação através desses novos aparatos e a possibilidade de adquirir conhecimento por meio de outras ferramentas fez com que esse modelo começasse a perder espaço nessa nova sociedade midiática. O qual não conseguiu acompanhar toda essa transformação social que se deu devido a esse desenvolvimento tecnológico. Uma vez que essa transformação técnica não se prestou somente a inserção de novos instrumentos tecnológicos na aprendizagem, mas afetou toda a estrutura das relações entre produção, consumo e distribuição do conhecimento. (MARTÍN-BARBERO, 2014).

Logo uma reinvenção da educação se viu necessária para que a escola não perdesse seu status como local central de aprendizagem e socialização de jovens e crianças. Isso possibilitou que a comunicação e a pedagogia estreitassem seus laços de afinidade, surgindo assim uma nova forma de se entender a educação. Esse modelo, no qual a comunicação vem para auxiliar a educação, ficou conhecido como educomunicação.

A educomunicação é uma corrente que visa a criação de ecossistemas comunicativos, tanto no espaço formal da educação quanto no espaço informal, objetivando qualificar a comunicação e os métodos educativos nesses locais. Além de desenvolver a capacidade crítica dos usuários dos meios de massa, aumentar a capacidade de expressão dos indivíduos e estimular o uso dos meios informativos nas práticas educativas. Assim pode-se dizer que esses novos modelos de educar através da comunicação não focam especialmente no que os jovens devem aprender, mas qual a melhor forma para adquirir esse conhecimento. (SOARES, 2002).

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia –, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás. (SARTORI, 2010, p.46)

A comunicação possibilita uma constante transformação do conhecimento, até mesmo de conceitos que já existiam em inúmeras comunidades, mas que quando dialogados e transformados em palavras e pensamentos estabelecem relações mais intensas com seus interlocutores. Já a educação “é comunicação que transforma e move e torna a transformar, conduzindo sempre a direções várias. Não existe sentido único, caminho sem atalhos, sem encruzilhadas. É assim com a educomunicação” (RIMOLI, 2016, p.52).

O que se espera desses modelos educativos é a capacidade e o compromisso com um ensino que faça uma ponte entre as realidades da comunicação e a capacidade crítica do aluno ou seja, que um aspecto dialogue com o outro na busca do conhecimento. Uma vez que a comunicação é mais que a simples transmissão de informações, mas sim a possibilidade fazer como que pessoas com opiniões e conhecimentos opostos possam dialogar entre si. Se antes se formava somente para a recepção de conteúdos, atualmente busca-se educar também contemplando a emissão de informações, e a melhora maneira é aplicando a comunicação desde o primeiro ambiente escolar.

Dessa forma a relação pedagógica entre professor e aluno pode variar. Desse modelo tradicional, onde tem-se uma dominação clara entre a parte mais forte e a menos forte (tendo em vista o elo hierárquico que existe e a obediência condicionada a tal relação), para os novos modelos pedagógicos. Com exemplo a educomunicação na qual princípios mais democráticos e críticos guiam o processo, de forma mais conciliadora do que “tirânica”.

Assim essa “nova” maneira de ensinar e de adquirir conhecimento é totalmente estranha ao modelo que já se tem costume, visto que quebra com o autoritarismo e prepotência da figura antes associada ao professor. O aluno se torna mais independente e com maior poder de fala na sala de aula, se tornando também um emissor de conhecimento e não somente um receptor. Um bônus que esse novo modo de educar permite é que essa educação básica, especialmente, não é mais restrita as crianças. Em qualquer idade pode-se aprender. O que rompe com a ideia de que a educação é uma etapa na formação do indivíduo e permite-se pensar que é algo constante na vida de cada sujeito. (SODRÉ, 2012)

No início dos anos 2000 o educador Ismar de Oliveira Soares já apontava em seu texto “Educomunicação: um campo de mediações” que a educação tradicional estaria em crise. Em contrapartida a comunicação de massa estaria em alta na sociedade. De fato, hoje percebe-se que uma educação conservadora não consegue se manter sem a aplicação de instrumentos teóricos ou técnicos da comunicação em sua grade curricular. Uma vez que as formas de se relacionar e de adquirir conhecimento não são as mesmas que há poucas décadas, e meios como a internet conseguem desempenhar funções que antes eram exclusivas do ambiente escolar e da família, por exemplo.

Soares também dizia que a educação tradicional e essas novas formas de se comunicar se distanciam pelo tipo de discurso. Enquanto o primeiro é autoritário, imposto de forma compulsória dos professores aos alunos respeitando a hierarquia existente na instituição escolar, a comunicação é o contrário. É mais aberta, procura o inusitado e o novo,

quebrando com conceitos pré-existentes nesse modelo educacional. Além disso a educação também está vinculada diretamente ao Estado que capta o que a figura da instituição tem de pior, a burocracia. Enquanto a comunicação se liga ao mercado com uma maior liberdade de ação.

A escola está sendo pensada, assim, como espaço mediativo cada vez mais cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturas e de comportamentos que marcam o mundo contemporâneo. (CITELLI, 2004, p. 83)

Em suas obras Adilson Citelli também explica esse conceito emergente de Educomunicação, que vem sendo utilizado na América Latina desde os anos 1980 para relacionar especialmente a educação com os meios de comunicação. Assim é visível uma preocupação por parte dos pedagogos em reconhecer a importância da comunicação no meio educativo. E dessa forma alterar significativamente suas abordagens teóricas e práticas devido a essa nova necessidade. No Brasil, Ismar de Oliveira Soares desenvolveu um estudo pela primeira vez sobre o assunto na década de 90 juntamente ao Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP). O professor definiu que educomunicação se dá em quatro áreas de intervenção social:

- a) A educação para comunicação, ou seja “as reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação (relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens) assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios.”
- b) A área que envolve a utilização das tecnologias comunicacionais nos processos de ensino-aprendizagem.
- c) A área de gestão da comunicação no espaço educativo, que planeja e executa os processos que se dão nesse meio criando os ecossistemas comunicativos.
- d) A área de reflexão epistemológica sobre a inter-relação dos dois campos como fenômeno social/cultural. (SOARES, 2000)

Dessa forma percebe-se que para a escola o campo de formas e modalidades de se aplicar a comunicação na educação perpassa por questões técnicas concomitantes as novas tecnologias e análises críticas do sistema educacional quando analisado pelo viés da comunicação. Além de reflexões de temas mais complexos referentes aos impactos da comunicação na sociedade contemporânea.

Vale ressaltar que essas mudanças não devem impactar somente a educação de maneira superficial, como através da utilização de recursos tecnológicos-comunicacionais para descomplicar as aulas ou em uma reformulação de grades curriculares. Mas sim transformar por completo o sistema de ensino, posto que atualmente é necessário:

um amplo rearranjo cultural, social, tecnológico, entrelaçado à elaboração, organização, distribuição e descodificação do conhecimento e da informação. É forçoso considerar, portanto, que os projetos voltados a constituir outras relações nas escolas, nos mecanismos de ensino e aprendizagem, nos modos de tratar a sociabilidade dos jovens, não podem se fazer à revelia da comunicação, haja vista o lugar estratégico que ela ocupa em nossa quadra histórica. (CITELLI, 2018, p.13)

Ou seja, a comunicação não está somente interligando a questão dos meios comunicacionais e da mídia, como mero instrumentos da técnica, mas também passando a fazer parte de os outros aspectos que circundam a área, como as abordagens teóricas e o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, por exemplo. A comunicação neste contexto vai além da inovação tecnológica e é mais um componente do processo educacional. Para Citelli esse fator quebra assim com a visão da interação do campo como algo simplesmente instrumental, tornando-se o ponto essencial desses métodos de ensino-aprendizagem e integrando qualquer processo educacional dentro de um ecossistema comunicativo.

O problema, que central não é, portanto, o de estreitar vínculos entre dinâmicas comunicativo-tecnológicas e as salas de aula, mas fazê-lo sob uma égide não instrumental – aquela que ao se encantar com as máquinas perde a dimensão dos significados sociais, culturais, históricos, nelas embutidos. Para tanto, a entrada na escola, por exemplo, do computador, precisa integrar-se, ao mesmo tempo, a projetos pedagógicos consistentes e a um tratamento desreificado dos próprios equipamentos, suportes, dispositivos a serem postos à disposição dos discentes. O lugar das tecnologias na escola – e mesmo para o chamado ensino a distância – deve ser aquele voltado aos interesses de uma educação anteriormente definida como emancipadora, capaz de facultar autonomia de pesquisa e, sobretudo, reconhecimento do sujeito no mundo. (CITELLI, 2010, p. 80)

3.2 O embate das novas tecnologias na educação atual

Ainda que não seja caracterizado somente por esse aspecto, o impacto da comunicação na educação é facilmente percebido quando analisado pelo viés da tecnologia. No entanto muitas instituições ainda insistem em colocar esses novos adventos como vilões e renegar qualquer uso dessas tecnologias para o aprendizado. Parece haver um medo coletivo de que se perca esse papel fundamental na formação dos indivíduos, sendo que na

realidade o que aconteceria é o oposto. Ao aderir a essa variedade de novas tecnologias as instituições de ensino estariam incluindo para si as transformações decorrentes do tempo e dialogando melhor com os estudantes que vieram desse ambiente tecnológico que já faz parte de seu cotidiano (BUCKINGHAM, 2006). Logo é visível a necessidade dessa reestruturação da educação visando também a inclusão desses aspectos tecnológicos inerentes a sociedade da informação.

Ao contrário da educação convencional os meios de comunicação funcionam a partir da ideia que a sociedade está inserida num contexto onde tem-se cada vez menos tempo. Portanto qualquer ideia que economize esse tempo ou que facilite o ganho informações num menor espaço de tempo, e de maneira simplificada, ganha destaque. Logo tendo em vista que todo conhecimento captado através desses novos meios não são limitados ou restritos a um espaço territorial e são mais facilmente adquiridos do que através das formas utilizadas por essa educação tradicional tem-se a união da economia do tempo e da facilidade desse ganho de informações. De uma forma que é possível estar adquirindo conhecimento literalmente a todo momento, com o bônus de restringir ou não aos assuntos que se tem interesse (MESQUITA, 2018).

Por um lado, esse aspecto é positivo devido a essa quantidade de informação que se pode receber num curto período de tempo. No entanto isso vem acompanhado de uma face negativa, uma vez que com essa aceleração que perpassa os meios de comunicação e as novas mídias os indivíduos muitas vezes também buscam esse mesmo ritmo em suas relações com as comunidades que estão inseridos.

Com um tempo próprio (o presente) e um espaço desterritorializado (o ecossistema virtual ou ciberespaço), a comunicação de massa mantém, como garantem os estudos de recepção, um pé na realidade, ainda que esta seja o universo fluido do imaginário e das paixões humanas. A comunicação de massa faz as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãos de um mundo em mutação. (SOARES, 2000, p. 15)

Rimoli (2016) aponta que tanto a escola quando as inúmeras mídias disputam a captação da atenção dos alunos, ao invés de trabalharem em conjunto, uma vez que ambos produzem conhecimento e conteúdo para esses receptores. Com a diferença de que esses meios de comunicação não cobram um retorno dos jovens sobre aquilo que foi ensinado, nem os punem quando exprimem um mal comportamento ou não absorvem satisfatoriamente o conhecimento ministrado. Talvez por esse motivo exista essa preocupação de que essas mídias sejam prejudiciais a formação dos alunos. A autora utiliza a metáfora de “pais divorciados” para explicar essa relação oposta das mídias com a escola,

onde uma desmerece o perfil do outro. Ao ponto que a primeira é irresponsável e oportuniza comportamentos impróprios a segunda é obsoleta e ensina assuntos dispensáveis.

É comum encontrar discursos de pais e professores com visões distorcidas, justamente devido a pertencerem a uma outra geração que não tiveram esse contato em seu tempo de escola. Muitas vezes condenam o uso da tecnologia dizendo que esses recursos atrapalham e distraem a aprendizagem dos jovens. Além de também ser acusada de se aproveitar da vulnerabilidade e abalar a inocência das crianças (BUCKINGHAM, 2006). Devendo serem reservados aos momentos de lazer e não aplicados na hora do ensino formal e institucionalizado. Quando na realidade as próprias já possuem uma afinidade com esses adventos tecnológicos e os utilizam também para adquirirem conhecimento.

Os meios deslocam as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência e possibilitam o exercício de um tempo virtual que libera o aqui e o agora, inaugurando novos espaços e novas velocidades. (SOARES, 2000, p. 21).

Um dos motivos para esse medo e essa herança de tradições, que cercam toda uma geração com repulsa a esse viés técnico dos novos aparatos tecnológicos nas escolas e os meios de comunicação, foi a influência da Escola de Frankfurt. A qual difundiu a ideia de que esses novos meios eram uma forma de controle social, manipulação e alienação. Aliadas a ineficiência dos governos em regulamentarem o espaço midiático reservado para estimular o consumo de jovens e crianças, responsáveis por gerar tendências consumistas nesse público alvo. (RIMOLI, 2016).

Assim para que a escola se afaste desse pensamento tradicional e conservador é preciso que reconheça o papel que esses novos meios, e a comunicação em geral, têm na educação. Reinventando seu modo de conduzir o processo de aprendizagem e incluindo novas abordagens pedagógicas no ensino.

É necessário que a educação formal reveja seus paradigmas letrados, herança de uma cultura eurocentrada, iluminista e burguesa que teve na escrita a base de produção e controle do conhecimento. Só dessa forma poderá romper as barreiras que a separam da cultura globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, contexto no qual se afirmam os meios audiovisuais. (COSTA apud RIMOLI, 2016, p.53)

David Buckingham em sua obra “Crescer na era das mídias: após a morte da infância” (2006) expõe as duas correntes, tanto as que condenam essa utilização das mídias e as que veem o lado positivo dessas inovações tecnológicas. Apontando que tal ambiguidade ocorria desde os primórdios da televisão e não é um fenômeno decorrente apenas das tecnologias mais atuais. De um lado havia a implantação da televisão

inicialmente como meio educacional, e de outro o medo da TV substituir o professor ou que a influência daquele aparato de entretenimento também pudesse influenciar negativamente na inocência da infância das crianças.

Sendo assim, Buckingham também reflete sobre os lados positivos dessa revolução tecnológica contemporânea. Visto que, percebe-se que os alunos, não mais vítimas desse sistema midiático, que já nasceram nessa sociedade tecnológica possuem um saber quase natural e intrínseco para lidar com esses adventos. Dessa forma essas crianças e adolescentes têm nas mãos uma nova forma de poder e libertação capaz de fornecer a elas possibilidades para a comunicação e aquisição de saberes que as gerações anteriores não possuíam.

Como visto, é quase um conhecimento geral que o público infanto-juvenil é um dos que possuem maior facilidade em lidar com essas novas tecnologias que apareceram nas últimas duas décadas. Portanto o papel da escola seria simplesmente incluir esses adventos em suas metodologias afim de facilitar o processo de aprendizagem, uma vez que o ensino de como funcionaria esses aparatos seria desnecessário. Já que os jovens e as crianças viriam prontos para lidarem com esses fatores. Especialmente se pensado que os alunos estão cada vez mais desinteressados pela escola nesse modelo antiquado com o qual ainda têm que lidar.

Mas, por outro lado, existe também uma forma de utopismo visionário – ainda que mais focado na educação que no entretenimento. Diz-se que os computadores proporcionam novas formas de aprendizado que transcendem as limitações dos velhos métodos ‘lineares’ como a imprensa e a televisão. As crianças são apontadas como sendo quem melhor responde a essas novas abordagens: o computador liberaria sua criatividade natural e seu desejo de aprender, aparentemente bloqueados ou frustrados pelos métodos antiquados. Essa perspectiva utópica é cada vez mais popular nos estudos sobre alfabetização e arte. Alguns autores, por exemplo, acreditam que a tecnologia digital acarretará uma forma nova e democrática de alfabetização. Ela colocará os meios de expressão e comunicação ao alcance de todos. (BUCKINGHAM, 2006, p. 32)

Sendo assim, haja vista a grande quantidade de pesquisas que reforça o aspecto positivo das tecnologias na educação¹¹, a aproximação dessas duas áreas é uma ótima ferramenta para sanar esse desinteresse dos alunos pela escola. Uma vez que essas oferecem o dinamismo e o entretenimento que esse modelo conservador de educar não proporciona. Assim, os jovens expostos a esses momentos de lazer fora do ambiente escolar acabam

¹¹Tecnologia no ensino é recurso que facilita o processo de aprendizagem na escola. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/gpbc/guia-de-matriculas/2019/tecnologia-ensino/>> Último acesso em 12 de setembro de 2019.

buscando a manutenção desse “divertimento” também no momento educativo. Querer continuar apostando num modelo que não fornece esse aspecto devido a forma de educação de gerações anteriores, que não estavam acostumadas a uma certa tecnologia pelo simples fato de não existirem, é quase como querer voltar num momento do tempo que já não existe mais. Impedindo assim as transformações culturais e sociais a qual a sociedade está constantemente condicionada.

Na situação da educação brasileira, especialmente ao se voltar para as instituições públicas percebe-se que os fatores que dificultam a inserção desses novos meios no processo de ensino-aprendizagem não se restringem somente a essa resistência por parte de uma modalidade mais conservadora de ensino. Além disso é perceptível outros problemas, como a falta de formação dos educadores em seus cursos superiores para saberem como integrar e até mesmo manusear os aparatos tecnológicos em suas aulas. E a falta dessas tecnologias nas instituições de ensino. O contexto brasileiro diz muito sobre esse aspecto, o qual talvez seja ainda a maior barreira a se ultrapassar quando o assunto é a melhoria da educação no país. Portanto para que haja essa mudança é necessário não só essa reinvenção no modelo educativo, mas também um maior investimento tanto na formação de professores quanto na infraestrutura das instituições escolares.

O campo comunicação/educação, fundamental para a construção da cidadania inclui, mas não se resume a educação para os meios, uso de tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios, percurso que vai do território digital à arte-educação, do meio ambiente a educação à distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer de vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, ciberespaço, etc. (BACCEGA apud MESQUITA, 2018, p.7).

Assim essas novas metodologias pedagógicas têm surgido para mudar esse aspecto, e os resultados têm se mostrado bastante positivos. A educomunicação por exemplo, estimula que os alunos utilizem dessa facilidade com a tecnologia para auxiliar no processo educacional. Possibilitando uma relação mais harmônica entre a escola e a sociedade da informação na qual o aluno e todos os outros demais indivíduos estão inseridos.

Vale ressaltar que ao exaltar o poder dessas novas mídias e tecnologias não busca-se inferiorizar a figura dos professores ou do espaço escolar. Muito pelo contrário, os dois entes são ainda a base da educação formal. O que se procura é uma maior facilidade para o trabalho do professor e um melhor retorno da aprendizagem por parte dos discentes.

4. Para além da teoria: a aplicabilidade da comunicação em metodologias pedagógicas ativas

A partir da reflexão teórica em torno da aplicação da comunicação no ambiente educacional, viu-se necessária a realização da análise de um modelo específico que aplicasse em seu currículo métodos que valorizassem a comunicação. Assim, para ilustrar os aspectos discutidos nos capítulos acima foi realizado uma pesquisa qualitativa com alunos e professores da faculdade de medicina do UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas). Uma instituição privada de ensino superior do interior de Minas Gerais que possui em sua grade horária disciplinas que visam o aprimoramento das habilidades comunicacionais dos estudantes e também aplica uma metodologia ativa em suas aulas.

Para efeitos de melhor compreensão, metodologias ativas são métodos de aprendizagem em que os alunos participam ativamente da elaboração, construção e discussão do conhecimento. Ao contrário dos métodos tradicionais de ensino onde o aluno recebe a informação do professor de maneira passiva. Essas maneiras de ensino-aprendizagem onde o aluno é o maior responsável por sua própria aprendizagem foram amplamente possibilitadas especialmente a partir das novas tecnologias de informação.¹²

4.1 A metodologia PBL

Dentre esses ‘novos métodos’ de ensino se destaca o PBL (*Problem Based Learning*), ou seja, Aprendizagem Baseada em Problemas, a qual é aplicada pela faculdade analisada em questão. Essa metodologia tem se destacado especialmente entre os educadores de faculdades de medicina. O método funciona da seguinte forma: o estudante estuda previamente e individualmente o assunto da tutoria (como são denominadas as aulas nesse modelo), já focando em suas dúvidas e dificuldades. Na tutoria um problema é apresentado pelo professor e os alunos reunidos em grupos pequenos, de em média dez pessoas (diferentemente das aulas tradicionais em que 50 alunos assistem passivamente à exposição do conteúdo pelo professor) discutem o problema apresentado. Buscando solucioná-lo através de inúmeras discussões que ocorrem geralmente no período de uma semana.

¹²Entenda a Importância e o Papel das Metodologias Ativas de Aprendizagem. Disponível em: <<https://blog.lyceum.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem/>>. Último acesso em 24 de setembro de 2019.

Dessa forma o professor funciona então como uma espécie de tutor que explica na primeira aula o caso que os alunos devem resolver e fornece auxílio com relações as dúvidas e dificuldades que os estudantes possam ter. Devido a isso o aluno acaba sendo a peça chave dessa metodologia, pois o poder de construir o conhecimento está em suas mãos. Os discentes deixam de somente reproduzir o conhecimento que adquirem, através de aulas expositivas e leituras por exemplo, para atuar ativamente no processo de aprendizagem.

Esse método aumenta a responsabilidade, independência e autonomia dos alunos, já que dependem na maioria das vezes de si próprios para aprender. Ele estimula também o trabalho em equipe devido a esses grupos de discussões que se formam em torno do problema. E permite a interdisciplinaridade, já que as aulas não são mais totalmente separadas e distantes uma das outras como no modelo tradicional. Além de tudo permite o acesso mais cedo ao campo prático da profissão, capacitando profissionais com mais experiência pois já presenciam de perto o que muitas vezes ficaria somente no campo teórico.

O PBL é dividido em sete passos¹³:

1. Pré-discussão: Nesse primeiro momento, a partir do problema já apresentado, os estudantes reúnem os conceitos desconhecidos e/ou dúvidas que tenham sobre qualquer assunto abordado.
2. Definição do problema: Num segundo momento os estudantes analisam a situação apresentada e definem o que realmente é o problema em questão.
3. *Brainstorming*: Nesse ponto os estudantes irão começar a organizar as ideias e discutir possíveis explicações a partir dos conhecimentos que já possuem.
4. Resumo: Aqui os alunos irão resumir todos os conceitos e teorias aprendidos que poderão ser utilizados para a resolução do problema.
5. Formular os objetivos de aprendizado: Nesse momento os estudantes identificam os pontos importantes e que deverão ser estudados para a resolver o caso.
6. Busca de informações: Parte individual na qual o aluno irá por conta própria estudar informações, para num próximo momento trocá-las com os demais membros do grupo.
7. Resolução do caso: Segunda reunião da tutoria. Momento final em que os estudantes apresentam suas ideias, debatem e propõem uma solução para o

¹³ Informações obtidas através dos depoimentos dos alunos entrevistados do UNIPAM e pelo vídeo “PBL: um Novo modelo de Aprendizagem - FGV/EESP”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yHmdKTD0SX0>>. Último acesso em 10 de outubro de 2019.

problema. Assim os estudantes podem perceber se as informações e ideias prévias que possuíam estavam certas ou condiziam com o resultado da tutoria. Valorizando assim uma auto reflexão dos alunos.

Todo esse processo é essencialmente conduzido pelos estudantes. Em cada sessão há um aluno que lidera a discussão enquanto outro registra todas as informações discutidas. Tudo isso ocorre sob a supervisão de um professor capacitado. Ao final de todas essas etapas os alunos são avaliados individualmente e em grupo. Com um feedback do professor, identificando seus pontos fortes e os que devem ser aprimorados. Durante a totalidade do curso existem três tipos de avaliação as quais os alunos são submetidos. A Diagnóstica, que se dá no início da tutoria para avaliar o conhecimento prévio do estudante, e entender em qual estágio que ele se encontra. A Avaliação Formativa, que ocorre ao longo do período dos módulos e são as notas atribuída diariamente ao aluno, constituídas pelas atividades nos postos de saúde, as tutorias e participação. E por fim existe a Avaliação Somativa que se dá a partir das provas formais que se tem ao final de cada módulo/período.

No capítulo seguinte será analisada a aplicação direta da comunicação na grade curricular dos alunos, no entanto vale ressaltar que o método PBL por si só já apresenta aspectos do ramo comunicacional. Uma vez que além de desenvolver as habilidades técnicas de sua área, nesse caso a medicina, os objetivos dessa metodologia são focados em desenvolver aspectos como liderança, trabalho em equipe e a comunicação. Fatores essenciais para o mercado de trabalho e também para o cotidiano dos estudantes. A comunicação em específico pode ser notada no método a partir do momento em que é a base para as trocas de ideias que ocorrem nas tutorias, já que essas aulas são grandes discussões que permitem o aprimoramento da comunicação direta ou indiretamente.

Os professores do curso explicam que a principal diferença do modelo para o tradicional é a valorização do conhecimento prévio do estudante. Nos momentos de partilha desses conhecimentos todas as falas são valorizadas, mesmo que partam de experiências próprias de cada aluno e não tenham ligação direta com fundamentos acadêmicos. O método PBL é a base metodológica escolhida pela Faculdade de Medicina do UNIPAM. A qual aliada a comunicação busca um profissional mais preparado para desempenhar a profissão na prática quando formado.

No UNIPAM a grade do curso de medicina é composta por 24 módulos, e cada módulo funciona como se fosse uma disciplina onde vários assuntos são agrupados devido a uma afinidade comum. Cada semestre é composto por três módulos que se subdividem em

cinco tutorias, pelas quais se dão os sete passos do PBL, onde diversos casos e problemas são analisados com base no tema comum ao módulo por completo. Além disso a grade também é acrescida do que eles chamam de componentes curriculares. Que também funcionam como disciplinas além dos módulos existentes. Como as Habilidades Profissionais, que se subdividem em Habilidades Comunicacionais, Clínicas e Informáticas. Dessa forma por semestre são três módulos, uma habilidade profissional e o INESC (Integração Ensino-Serviço-Comunidade), que será melhor explicado no decorrer deste capítulo. Essa divisão de “matérias” se dá até o oitavo semestre, depois começa-se o período do internato. Quando os estudantes passam a maior parte do tempo nos hospitais, atendendo e dando plantões.

A faculdade adota essa metodologia ativa desde 2012, antes, nos quatro primeiros anos que o curso foi ministrado na instituição, o modelo utilizado seguia o padrão tradicional. No entanto após uma orientação do Ministério da Educação que aconselhava a adoção de metodologias ativas especialmente em faculdades de medicina, nas quais os resultados positivos já eram visíveis em outras instituições, a faculdade implementou o PBL no curso. Atualmente com a chegada do curso de Odontologia na Universidade os dois cursos são os únicos que usam o método na instituição.

Maura Regina Guimarães Rabelo, atual coordenadora do curso de Medicina do UNIPAM começou a trabalhar na instituição em 2009, como professora de um dos componentes curriculares do curso, mas logo em 2011 assumiu a coordenação da faculdade. Em entrevista ela explica que a escolha da metodologia também se deu a partir do momento que percebeu-se que o conhecimento partir somente do professor não era ideal, uma vez que em pouco tempo essas informações poderiam estar defasadas, fator recorrente na área da saúde.

Além disso percebemos também que havia uma necessidade de acrescentar uma certa criticidade sobre o conhecimento que os alunos estavam obtendo. Antes nós pegávamos informações prontas nos livros e não conseguíamos criticar aquele conteúdo. Hoje percebemos que o conhecimento é dinâmico e pode mudar a qualquer momento¹⁴.

A coordenadora também explica que os resultados dessa abordagem são bastante positivos. “O principal feedback não é comunicado, são as aprovações dos estudantes nas provas de residência e no cotidiano com os tutores”¹⁵. Ela reconhece que a metodologia pode causar um certo “sofrimento” nos alunos, uma vez que expõe as lacunas do

¹⁴ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

¹⁵ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

conhecimento de cada um, mas reforça a aceitação positiva dos alunos pelo método. “Os estudantes percebem que a medicina não é uma ciência absoluta, já que não se tem resposta para tudo ainda. E isso é nada mais que a vida do jeito que ela é. Os resultados não dependem somente deles”¹⁶.

Como uma profissional formada pelo método tradicional a professora percebe uma grande diferença dos modelos de ensino na facilidade que os alunos do método PBL tem em procurar e obter respostas para suas dúvidas no cotidiano:

Eu tinha dificuldade em procurar essas respostas para inúmeras situações com meus pacientes porque eu não era treinada para isso. Os alunos daqui já tem mais facilidade com relação a isso. São diretos no que buscam e não precisam ficar folheando um livro inteiro para resolver seus problemas.¹⁷

Maura também é professora no curso e ministra a disciplina de Integração Ensino-Serviço-Comunidade. Na qual os alunos são divididos em pequenos grupos responsáveis pelo acompanhamento de Unidades de Saúde dentro de comunidades da cidade. A professora explica que esse componente curricular vai muito além do aspecto da medicina como é tradicionalmente conhecida. Os alunos buscam auxiliar em todo tipo de suporte que a comunidade necessita. Eles mapeiam todos os aspectos da comunidade não qual são inseridos, desde questões demográficas aos aspectos de saúde, por exemplo. Se o bairro apresenta um bom ambiente para se viver, a quantidade de escolas, igrejas, associações e até mesmo se apresenta problemas como o tráfico de drogas por exemplo. Ela explica que todo esse aparato e suporte se dá devido ao amplo conceito de saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde)¹⁸ que abrange inúmeros aspectos para além da medicina tradicional. Além disso a coordenadora também pontua a necessidade de trabalhar mais os aspectos comunicacionais no curso:

Nós percebemos que o conhecimento não é suficiente pra competência do profissional. Precisava de algo a mais para além de todos os procedimentos técnicos que o profissional aprende a lidar. Esse trabalho com o relacionamento médico-paciente se viu então necessário, e na metodologia tradicional não tinha isso. O tratamento com paciente vai muito além da prescrição de um medicamento por exemplo. Vimos que é necessário desenvolver um vínculo terapêutico com os pacientes.¹⁹

Para entender o método PBL e metodologias ativas no geral, dois pensadores da área da educação são fundamentais, o francês Joseph Jacotot e o norte-americano John Dewey.

¹⁶ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

¹⁷ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

¹⁸ De acordo com a OMS saúde “é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não, simplesmente, a ausência de doenças ou enfermidades”.

¹⁹ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

A pedagogia de John Dewey sempre colocou em destaque a união da prática e da teoria. Essa filosofia educacional ficou conhecida como Pragmatismo, que consiste justamente nessa necessidade da comprovação dos conceitos teóricos a partir da ação.

Com isso Dewey buscava uma educação integral do aluno e defendia que os estudantes não iam a escola como uma “lousa limpa” na qual os professores iriam simplesmente preenche-los com informações. Pelo contrário eles já chegavam com conhecimentos ativos no ambiente escolar e com “impulsos inatos – o de comunicar, o de construir, o de indagar e o de expressar-se de forma mais precisa” (DEWEY, 1899, p.30), uma vez que eles já viriam de casa com saberes e experiências do seu cotidiano.

Dessa forma esses aspectos não deveriam ser simplesmente ignorados, como os educadores tradicionalistas de sua época faziam ao pregarem “uma instrução disciplinada e gradual da sabedoria acumulada pela civilização”. (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p.16) Tais educadores também classificavam esse modelo de educação de Dewey como algo anárquico e que não levasse em conta a autoridade dos professores. Dewey colocou em prática esses ideais com a abertura da Escola Experimental de Chicago em 1896, onde aplicou sua filosofia fundamentada na interação da teoria com a prática.

Em seu livro “Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia” João Paulo Bastos da Silva explica que a educação para Dewey seria para toda a vida, uma vez que o indivíduo não estaria se educando para viver em sociedade, mas sim num processo de constante educação. Visto que ele está vivenciando constantemente sua experiência na sociedade na qual está inserido. Inclusive ele valorizava a experiência como a forma de construir o processo de ensino-aprendizagem. Para o filósofo a educação seria o resultado dessas experiências que cada um tem ao longo da vida.

Dewey definiu o conceito de educação como sendo o processo de reconstrução e reorganização da experiência do indivíduo na sociedade. Para ele a educação é um fenômeno direto da vida, tão inelutável como a própria vida. A educação transforma o indivíduo e inseri o mesmo no contexto cultural da sociedade. A reorganização da experiência na visão deweyana parte da educação que é a própria reflexão dos atos que são adquiridos e constitui a característica mais particular da vida humana. [...] A instrução e a educação não são os resultados externos da experiência, mas a própria experiência reconstruída e reorganizada mentalmente no curso de sua elaboração. (SILVA, 2018, p.34)

Silva também explica que o objetivo da educação na filosofia de Dewey não se encontra fora desse processo educacional. Uma vez que visa capacitar os indivíduos a continuarem seu processo educativo e se desenvolverem cada vez mais. Enquanto ao educador cabe a função de conduzir esse processo aos demais membros do grupo, uma vez

que ele também está inserido como parte desse mesmo conjunto. Ainda que mais maduro e capaz de organizar as interações dos demais integrantes.

Para Dewey os professores e alunos são equivalentes, uma vez que estão reunidos em um ambiente escolar democrático onde irão trocar experiências e conhecimentos que irão agregar a ambas as partes. E são “capazes de pensar autonomamente e construir a aprendizagem, por si só, o conhecimento” (SILVA, 2018, p.41). Diferindo-se ao ponto que ao professor cabe planejar as melhores circunstâncias para a efetivação da educação dos alunos.

Enquanto Dewey defendia o pragmatismo Joseph Jacotot era ainda mais radical. Sodré (2012) explica que o professor francês, anterior a Dewey, sustenta a teoria de que todos eram capazes de aprender sozinhos. Diferentemente do norte-americano, Jacotot defendia que não havia nem mesmo a necessidade de alguém para orientar ou explicar os conhecimentos para os alunos. Pregando assim a igualdade de inteligência entre os seres humanos e a emancipação intelectual do indivíduo num método que ficou conhecido como “ensino universal”. No qual Jacotot inverte a lógica cartesiana da igualdade, uma vez que para o francês o pensamento “é deslocado de sua condição [cartesiana] de atributo da substância pensante para a condição de atributo da humanidade” (SODRÉ, 2012, p.149). Ou seja “eu sou homem, logo, eu penso”.

O francês desenvolveu esse método a partir de uma casualidade, quando percebeu que poderia ensinar francês a estudantes que falavam holandês, mesmo sem saber falar a língua dos alunos. Ao entregar uma versão bilíngue (holandês/francês) do livro a ser estudado aos alunos e perceber que após um tempo de estudo os estudantes chegaram a um resultado bastante satisfatório com relação ao aprendizado da língua francesa.

O mero acaso levou Jacotot a raciocinar de modo diferente: não era preciso explicar nada, já que todos os homens tem uma inteligência igual, e além disso, é perfeitamente possível ensinar aquilo que se ignora. De fato, por ignorar o holandês, ele não dera nenhuma explicação aos estudantes flamengos sobre os elementos básicos da língua francesa, e eles simplesmente aprenderam a combinar, sozinhos, as palavras, de uma maneira cada vez mais exata, à medida que avançaram na leitura de *Telêmaco* [obra estudada pelos alunos]. Jacotot deu-se conta de que o poder pedagógico do professor está na lógica da explicação, ou seja, no poder de reconhecer ‘a distancia entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distancia entre aprender e compreender. O explicador é aquele que põe e abole a distancia, que a estende e a recolhe no seio da fala’ (SODRÉ, 2012, p.148)

O método de Dewey dialoga também com os ideais de Paulo Freire. Esse por si, como dito anteriormente neste trabalho de conclusão de curso, era bem crítico as teorias

tradicionais de ensino. Em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (2002) o educador defende um modelo de ensino que permita uma maior participação democrática do aluno nas aulas. Dando uma maior importância a esse como parte do processo de construção do conhecimento no espaço de aprendizagem. Uma vez que a troca de conhecimentos e experiências é válida também partindo do educando, e não somente na direção oposta (educador/aluno). Freire em um dos capítulos do livro aponta justamente a necessidade de se aventurar em metodologias diferentes a convencional e novas formas de se pensar a educação.

Paulo Freire também destaca a importância da curiosidade dos alunos para o modelo pedagógico que defende. Para ele a curiosidade e a criticidade estão inteiramente interligadas, sendo a primeira necessária para o desenvolvimento da segunda. Além de ser tão importante quando analisada sob o aspecto da criatividade.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2002, p.15)

Freire também discorre nessa obra sobre como “ensinar não é transferir conhecimento”. Talvez esse seja o ponto central e o mais conhecido do autor no livro em questão. No qual ele reforça a necessidade de respeitar a autonomia e identidade de cada estudante. Criticando a forma de ensino que não contemple esses aspectos do educando. O conhecimento deve se dar a partir de um esforço coletivo do professor e do aluno. Partindo do estímulo do educador ao desenvolvimento do pensamento do estudante e da criação de possibilidades para a construção desse conhecimento e pensamento.

O filósofo brasileiro também reforça a importância da figura do professor, diferentemente de Jacotot, para Freire a figura do educador é essencial. Seja para a condução do processo de construção do saber, seja para além de uma figura autoritária no ambiente escolar, uma vez que carregam uma grande responsabilidade social consigo. Devido ao fator de que um bom processo de ensino-aprendizagem é um possibilitador de mudanças nas estruturas sociais e nas condições e qualidade de vida de seus alunos. (FREIRE, 2002)

Por fim, vale fazer um rápido paralelo com o pensamento de Antonio Gramsci. Visto que esse também conversa com a metodologia aplicada pela instituição do estudo e com aspectos percorridos nas ideias dos pensadores acima. Para Gramsci a educação se dá de uma

forma bastante ampla abrangendo processos de aprendizagem dentro e fora do espaço escolar. Martins (2013) explica que o filósofo italiano em seu ideal de “escola unitária” prezava por um método que levasse em conta as experiências de cada indivíduo no ambiente escolar, de maneira que colaborasse para o aprendizado de todo o grupo. Ele também ressalta a relevância da figura do educador como uma espécie de mediador do jovem com a sociedade, de maneira a estimular a autonomia intelectual e moral do aluno. “A escola unitária (...) deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a certa autonomia na orientação e na iniciativa.” (GRAMSCI apud MARTINS, 2013, p. 32)

Quando Gramsci adentra na questão da universidade propriamente dita ele reforça esse aspecto da relação professor e aluno, uma vez que prega o rompimento dessa distância que existe entre os dois sujeitos. Ademais Gramsci é um verdadeiro crítico do modelo tradicional que impera também no ensino superior e a própria tradição burguesa inerente a tal instituição. Assim ele:

Propõe, então, uma universidade capaz de romper o distanciamento entre professor e aluno, que tenha uma didática que não se reduza à retórica e nem trabalhe com a perspectiva epistemológica da verdade instituída, herança religiosa; propõe, ainda, a difusão de valores humanísticos e o exercício da pesquisa dos problemas vigentes, de forma a colaborar com a construção de uma nova cultura, que é necessária à construção de uma nova sociedade. (MARTINS, 2013, p. 34)

4.2 A comunicação na grade curricular

Como já citado anteriormente, o curso de Medicina do UNIPAM reserva uma parte de sua grade curricular para disciplinas que contemplam a comunicação. Além desse tema essas aulas também envolvem outros tópicos inerentes às relações sociais, como os direitos humanos e o estudo da sociedade atual. Elas acontecem nos primeiros anos do curso com o objetivo de que os futuros profissionais da saúde da instituição desenvolvam uma comunicação mais efetiva com quem será atendido, melhorando essa relação médico-paciente.

No início, as aulas têm o foco na importância da comunicação e em seus diferentes tipos (verbal/não verbal) dentro de um consultório. Essas disciplinas abrangem uma gama de aulas teóricas que aborda diversos temas, desde consultas de rotina até mesmo como lidar com situações como atendimento a vítimas de violência sexual ou dar notícias de doenças

graves e terminais. Ou seja, como passar ao paciente informações que possam gerar um grande desconforto e como se preparar que esse desconforto seja o menor possível.

Além disso, o exercício dessa comunicação também é feito em casos reais. Já que os alunos têm contato com a prática desde muito cedo no curso. No primeiro período os estudantes já contam com a matéria INESC (Integração ensino-serviço-comunidade), a qual além de acompanhar todos os aspectos da comunidade na qual estão inseridas, como já foi explicado anteriormente, os alunos também acompanham uma equipe médica toda semana num posto de saúde da cidade. E os atendimentos diretos dos alunos com pacientes começam no quinto período.

Muniz Sodré, em seu livro “Reinventando a Educação”, aborda essa questão da prática e da educação para além do espaço pedagógico tradicional. No capítulo “Pedagogia e escola”, o autor traz uma série de reflexões de pensadores de diferentes áreas do conhecimento que discutem sobre o campo prático da educação. Basicamente ele explica a diferença dessa educação metodológica da sala de aula puramente expositiva e teórica para a aplicação real da educação e os conhecimentos desenvolvidos fora do espaço acadêmico. E através de citações de Mark Twain, Nelson Mandela, Lao-Tse, entre outros, expõe perspectivas que defendem e explicam pedagogias que valorizam mais a experiência e os fatos (SODRÉ, 2012). Essa linha de pensamento é claramente percebida na metodologia aplicada pelo Faculdade de Medicina do UNIPAM. Visto que desde cedo os alunos já têm contato com a prática e vão além do campo teórico e expositivo da sala de aula tradicional.

Figura 1: Recorte da grade curricular/ ementa do curso de Medicina do UNIPAM

INESC1 - INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE I	CARGA HORÁRIA: 80 HORAS ▾
<p>Ementa: A INESC pretende colocar o aluno precocemente em contato com atividades de atenção à saúde na comunidade, fazê-lo conhecer uma Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS) e como se desenvolve a rotina de uma Equipe de Saúde da Família (ESF) e como está sendo estruturado o atendimento às necessidades da sua área de abrangência; proporcionando aos discentes o trabalho em equipe multiprofissional e interdisciplinar.</p>	
SG1 - CORE CURRÍCULUM 1 (CULTURA E SOCIEDADE)	CARGA HORÁRIA: 80 HORAS ▾
<p>Ementa: Estudo de temas clássicos e contemporâneos essenciais para o entendimento da configuração do mundo atual nas perspectivas histórica, antropológica, sociológica e filosófica. Compreensão dos aspectos caracterizadores da formação cultural brasileira, sob a ótica das relações étnico-raciais e da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Reflexão das temáticas relacionadas à educação ambiental. Análise dos principais aspectos relacionados aos direitos humanos.</p>	
HP2 - HABILIDADES PROFISSIONAIS II	CARGA HORÁRIA: 120 HORAS ▾
<p>Ementa: A DISCIPLINA DE HABILIDADES MÉDICAS EM UM CURSO DE MEDICINA QUE SE UTILIZA DE METODOLOGIAS ATIVAS CONSTITUI-SE DE UM PROGRAMA EDUCATIVO ESPECÍFICO, ESTRUTURADO LONGITUDINALMENTE, QUE VISA DESENVOLVER CAPACIDADES NECESSÁRIAS AO EXERCÍCIO ADEQUADO DA MEDICINA.O PROGRAMA COMPREENDE O TREINAMENTO DE HABILIDADES DE INFORMÁTICA, DE COMUNICAÇÃO E CLÍNICAS COMO REALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO PACIENTE, SEU EXAME FÍSICO, DE PROCEDIMENTOS MÉDICOS, DE EXAMES LABORATORIAIS. TODO ESTE PROCESSO TENDO COMO EIXOS ESTRUTURANTES A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA, A PROMOÇÃO DA SAÚDE, PREVENÇÃO DE AGRAVOS E A CURA.</p>	
SG2 - CORE CURRÍCULUM 2 (LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO)	CARGA HORÁRIA: 80 HORAS ▾
<p>Ementa: A noção de linguagem como interação e o domínio de mecanismos linguísticos (gramaticais) e discursivos que permitam ao usuário da língua não só a leitura eficiente de textos variados, mas também a produção deles, a fim de que possa interagir e atuar sobre o(s) outro(s), social e profissionalmente.</p>	

Fonte: Site do UNIPAM²⁰

²⁰ Disponível em: <https://graduacao.unipam.edu.br/curso.php?id=NjU=>. Último acesso em: 23 de setembro de 2019.

As habilidades comunicacionais fazem parte dos dois primeiros anos do curso e visam trabalhar e aprimorar tanto a comunicação do médico com paciente quanto nos demais aspectos de sua vida acadêmica, profissional e pessoal. A professora Natalia Amâncio, responsável por ministrar esse componente curricular do curso explica que o objetivo dessas aulas é despertar no aluno a necessidade de uma relação e comunicação efetiva com os futuros pacientes. Para isso eles buscam desenvolver tanto a comunicação verbal quanto a não-verbal. Ela explica que eles trabalham conceitos como os de comunicação agressiva, passiva e assertiva. Sendo esta última a ideal para os futuros médicos, uma vez que busca o equilíbrio nas tomadas de decisões.

Antigamente os pacientes eram tratados como um número, ou uma doença. Essas habilidades ensinam os alunos a mudarem essa situação. Eles aprendem a como dar uma má notícia, como preparar o paciente emocionalmente para qualquer procedimento que seja, do mais simples ao mais complexo. Além de melhorar suas relações também no âmbito profissional, com outros médicos, por exemplo.²¹

A partir dessas entrevistas realizadas com as professoras do curso percebe-se que esse comportamento busca valorizar o paciente, evitar os julgamentos e manter o um bom relacionamento com ambas as partes durante todo o período de um tratamento.

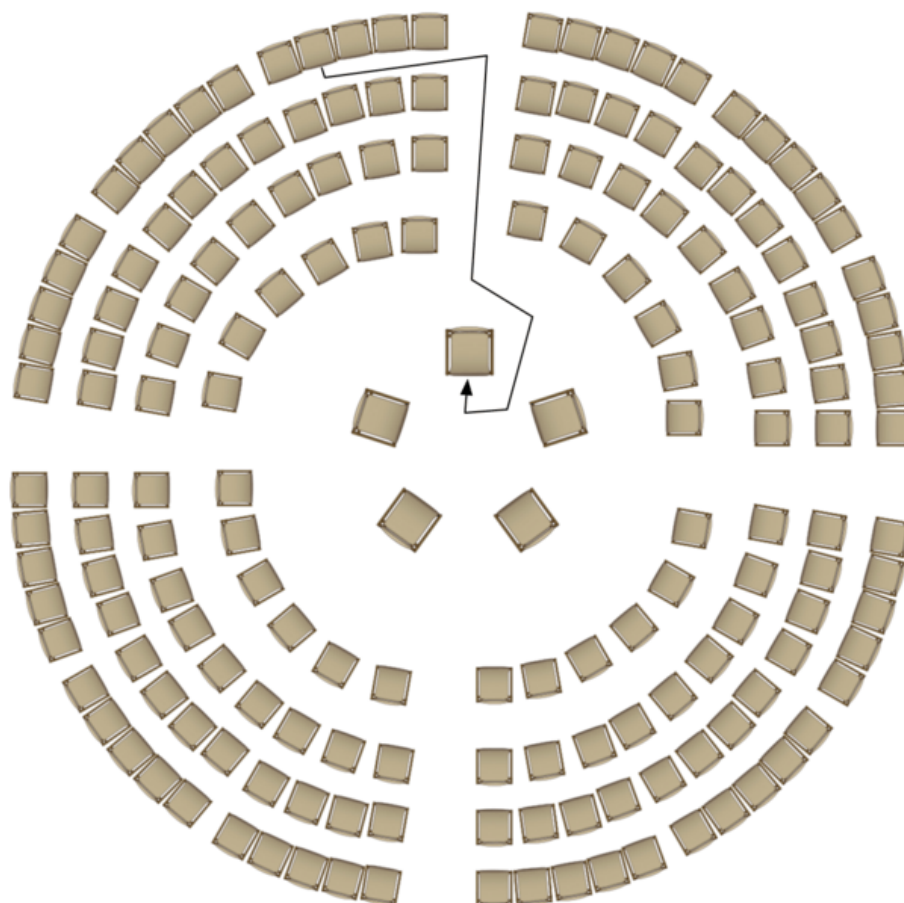
Para que esse resultado seja alcançado a professora doutora em promoção de saúde explica que existem inúmeras ferramentas com as quais ela trabalha com os alunos para atingir esse objetivo pregado pelo método. Uma das maneiras utilizadas é através dos *Roleplays*. Que são a simulação de inúmeras situações que podem ocorrer no cotidiano de um profissional da saúde. Nessas aulas aos alunos são atribuídos papéis que representam situações reais do dia-a-dia dos futuros médicos. Alguns fazem os papéis de pacientes, e outros, médicos. E ao final da simulação um terceiro aluno dá um feedback sobre a “consulta”, tanto para os que interpretaram os pacientes quanto para os que interpretaram os médicos. Enquanto o professor observa de fora e supervisiona as simulações. Essa dramatização também visa o aprimoramento das capacidades comunicativas no exercício da profissão.

Além dos *Roleplays* outra fórmula utilizada nessas aulas de habilidades comunicacionais é o modelo *Fishball* de dar aula, também conhecido como metodologia aquário. Que consiste na formação de no mínimo dois círculos em uma sala, um dentro do outro. O menor com cinco cadeiras, composto por quatro estudantes (uma das cadeiras fica

²¹ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

sempre vaga), de modo que os demais alunos fiquem sentados ao redor desse círculo menor. Os que estão no círculo menor devem discutir sobre uma situação, e para que alguém de fora desse círculo possa falar e contribuir para a discussão, uma das pessoas tem que sair, de maneira a deixar sempre uma cadeira vazia.

Figura 2: Ilustração do modelo de *fishball*



Fonte: Agiles Trend Br²²

Nessas aulas de habilidades comunicacionais também são expostos aos alunos casos fictícios de obras audiovisuais, literárias, ou teatrais por exemplo, das quais são possíveis extrair problemas que podem ser aplicados na atividade médica cotidiana. Além disso possuem um momento denominado de “Café Filosófico”. No qual os estudantes se reúnem para refletir sobre inúmeros assuntos que muitas vezes não são abordados em suas aulas regulares, como exemplo o luto e a depressão.

²² Disponível em: <http://agiletrendsbr.com/fishbowls/>. Último acesso em: 23 de setembro de 2019.

As aulas de habilidades comunicacionais ocorrem toda semana com dois horários, nos dois primeiros anos do curso. Sendo que primeiro tem-se uma aula teórica, com a exposição dos conceitos que busca-se o aprofundamento durante a segunda parte da aula, a prática.

A professora Natalia conta que a partir do trabalho com essas habilidades o vínculo médico-paciente aumentou. Os alunos saem formados como profissionais mais humanizados e com uma facilidade de se comunicar muito maior deixando o caminho profissional muito mais tranquilo do que poderia ser. A Doutora percebe, enquanto uma profissional formada num método tradicional de ensino, o quanto esse modelo convencional é mais limitado. Por outro lado a metodologia ativa utilizadas pela faculdade impõe menos restrição e menos fronteiras para o conhecimento. “Os alunos possuem uma maior capacidade crítica tanto no discernir sobre o que pesquisar quanto sobre a informação em si. E o professor por outro lado é um facilitador do conhecimento, não um detentor da informação”. Ainda que formada em uma metodologia tradicional a professora fez cursos que a permitiram uma capacitação prévia sobre metodologias ativas, o que foi um diferencial para sua contratação.

Sobre essas maneiras alternativas ao modelo tradicional Ismar de Oliveira Soares reflete em sua obra como esses modelos quebraram com as relações de poder existentes do método tradicional, transferindo esse poder para novas mãos:

O tempo pedagógico faz deste *modus comunicandi* uma forma de exercício de poder, já que a autonomia do leitor e a possibilidade de um ecossistema comunicativo marcado pela dialogicidade implica a descentralização da palavra autorizada e a transformação das relações sociais internas do espaço escolar. (SOARES, 2000, p.21)

Além de entrevistas com membros do corpo docente da faculdade de medicina, também foi realizada uma pesquisa qualitativa com alunos do curso. Onde os aspectos comunicacionais, o método PBL e a aplicação de metodologias ativas também foram os pontos principais das conversas. Buscando relacionar as opiniões obtidas com as entrevistas das professoras já discorridas acima, além de entender também qual o ponto de vista dos alunos com relação a principalmente a metodologia utilizada pela instituição.

O aluno do 10º período de medicina do UNIPAM Marcelo José de Souza reforça o aspecto de que os primeiros anos do curso são totalmente voltados para a comunicação, seja nas aulas específicas de Habilidades da Comunicação, seja nas tutorias que o método PBL proporciona. Ele confirma que todas essas abordagens culminam num profissional mais preparado para lidar com as situações mais adversas e extremamente delicadas com as quais profissionais da saúde tem que enfrentar a todo tempo. Além disso:

Esse método permite que os alunos sejam mais ativos em sala de aula, a tutoria é 100% falada, então quem se mostrava mais tímido no começo conseguiu desenvolver essas habilidades, além de saber como lidar com essas situações complicadas que a gente enfrenta nos consultórios.²³

Marcelo também faz uma comparação com as gerações de médicos anteriores a dele. E explica que a comunicação tem se tornado extremamente importante, uma vez que atualmente os alunos que passam por essa formação sabem encarar muito melhor esses episódios complexos. Toda essa preparação é importante já que essas atitudes podem deixar os pacientes totalmente traumatizados se dados com essa frieza. Por isso o estudante ressalta a importância desse aprendizado desde o início da graduação.

Nós vemos o tempo todo médicos mais velhos dando diagnósticos pesados sem preparar o paciente para receber essas notícias. Até nós [os alunos do curso] ficamos chocados com a maneira que eles dão alguns diagnósticos para certos pacientes, coisas sérias como câncer, ou uma expectativa de vida baixa.²⁴

Com relação ao método da faculdade as impressões do estudante sobre o modelo mudaram drasticamente do início do curso para o momento em que se encontra atualmente.

Antes eu era muito tímido e não conseguia participar direito, e vi que isso seria uma dificuldade. Hoje eu acho o método muito bom, melhor do que o tradicional, porque ele força o aluno a estudar, de uma maneira positiva. Principalmente porque a gente não depende somente do professor, ele não é a fonte de conhecimento absoluto. Também buscamos muitas informações em artigos científicos e outros textos acadêmicos, para além da palavra dos tutores.²⁵

Todavia esse modelo de ensino-aprendizagem não é perfeito. Para Marcelo a forma que o método é inserido é o ponto mais complicado, uma vez que ele e os outros alunos entrevistados saíram de um sistema educacional onde o estudante é totalmente passivo e entraram de forma abrupta em uma metodologia ativa que depende quase inteiramente do aluno. De acordo com o estudante os alunos mais interessados se engajam melhor, para os outros isso se torna um problema.

Apesar da crítica, para Marcelo os aspectos positivos se sobressaem, especialmente com relação as habilidades comunicacionais. Para ele, além dos conhecimentos técnicos aprendidos, esse foi o ponto que mais tem gostado de sua formação acadêmica.

Se eu estivesse numa faculdade que usasse um método tradicional talvez quando eu chegasse no internato, que requer uma habilidade de

²³ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

²⁴ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

²⁵ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

comunicação muito melhor com o paciente, eu teria muita dificuldade em lidar com essas situações pois não estaria preparado para isso.²⁶

O estudante reforça esse ponto especialmente ao lembrar que cursos voltados para a área de saúde não costumam estimular essas outras áreas do conhecimento, como a comunicação ou a reflexão sobre assuntos sociais tangentes ao dia a dia do profissional de sua área.

No início do curso, tanto nas tutorias quanto no INESC, Marcelo conta que era mais tímido, diferentemente de outros colegas que já tinham uma experiência maior e possuíam uma comunicação mais articulada. No entanto com o decorrer dos períodos ele percebeu que essas suas habilidades comunicacionais foram melhorando consideravelmente. E sua desenvoltura em lidar com os pacientes é bem melhor atualmente, até mesmo que a de inúmeros médicos mais velhos, “que constantemente elogiam nosso desempenho se comparados aos deles quando começaram a exercer a profissão”.²⁷

Outra aluna entrevistada, Isabella Reis Santiago, também do 10º período explicou que inicialmente, “o PBL se mostrou um estudo bem chato sobre ele mesmo. Porque na prática o dinamismo que o PBL oferece é muito mais interessante. Já que tudo que ele prega eu já fazia desde o ensino médio, como estudar sozinha e problematizar minhas dúvidas”.²⁸ Por outro lado, ela diz que o maior elogio ao método é com relação a profundidade de estudo que ele permite, uma vez que são os alunos que o estabelecem. Dessa forma o método não limita a capacidade de cada um. Os alunos podem escolher no que aprofundarem os estudos, pesquisando mais em matérias que possuem mais afinidade, por exemplo.

Isabella também aponta que os primeiros períodos são os mais difíceis de se lidar. Dado que os alunos ainda estão se acostumando com o modelo e quem já chega na faculdade com uma habilidade maior de comunicação domina mais o ambiente nesses momentos. Esse aspecto que já é recorrente em metodologias tradicionais, em uma que a comunicação é a base do método acaba sendo ainda mais recorrente.

A oportunidade de aproveitar e aprofundar é constante nessa metodologia. Mas no primeiro ano te instigavam a aprofundar e falar o quanto foi aprofundado, e isso deixa de ser uma partilha de conhecimento pra ver quem aprofundou mais, o que acaba gerando uma disputa entre os alunos.²⁹

Questionados sobre o momento que começaram a colocar em prática os conhecimentos aprendidos nas tutorias os alunos explicam que isso acontece em diferentes

²⁶ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

²⁷ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

²⁸ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

²⁹ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

fases durante o curso. Como desde o primeiro período acompanham médicos em algumas unidades de atendimento eles já podem observar inúmeros procedimentos, mas só começam a atender de fato a partir do quinto semestre. E mesmo assim a forma que esses atendimentos se dão também é dividida em etapas. Nesse período, definido como “Ambulatório”, quando começam os atendimentos diretos aos pacientes, a parte teórica ainda é maior e a quantidade de pacientes é menor. Os alunos realizam o atendimento, repassam as informações ao médico responsável e é ele quem dá a conduta que terá de ser seguida. Na fase seguinte a essa, conhecida como “Internato”, no nono período, os alunos atendem mais pacientes, e são eles que dão a conduta decidindo o tratamento dos pacientes. “O professor apenas supervisiona, sendo que alguns nem olham o paciente, o aluno é inteiramente responsável. Mas antes [do ambulatório e do internato] nós somos como ‘reféns dos pacientes’ que não acreditam muito em nossa capacidade.”³⁰

No entanto que a relação dos estudantes com os pacientes melhorou durante o percurso universitário foi uma unanimidade nas entrevistas realizadas. Isabella, por exemplo, conta que no início era muito seca e distante em seus atendimentos:

Eu não me importava tanto com a relação que eu possuía com as pessoas que eu estava atendendo. Hoje isso já mudou bastante, uma paciente me pediu inclusive para realizar o parto dela essa semana. A gente acaba aprendendo a cuidar do paciente de maneira integral e a ter mais empatia. A relação médico-paciente é realmente muito importante, e eu não imaginei que fosse tanto, mas na prática isso funciona demais e os resultados positivos são claramente visíveis.³¹

Maíra Gabrielle Silva Melo, aluna do 9º período do curso, elogia o modelo pedagógico utilizado no ponto em que ela pode decidir se aprofundar nas matérias que tem mais interesse. Além disso a futura médica também admite que o formato do curso e a inserção das habilidades comunicacionais melhoraram sua maneira de dialogar com os pacientes:

Melhorou até mesmo meu jeito de ser como pessoa, a maneira de expressar meu ponto de vista. Conseguimos fazer perguntas mais claras, ter mais consciência das respostas dos nossos pacientes e entender melhor o que eles querem dizer. A relação médico-paciente é muito boa, o diálogo melhorou muito.³²

Maíra também aponta que além dos conhecimentos aprendidos nas tutorias o maior diferencial que ela sentiu com o modelo da faculdade foram de fato as habilidades da

³⁰ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

³¹ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

³² Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 06 de setembro de 2019.

comunicação. Aspecto que se mostrou recorrente na fala dos alunos entrevistados. A mineira também elogia a sua melhora no modo de buscar informações, especialmente em como achar as fontes mais seguras. No entanto Maíra admite ter tido dificuldades no início do curso, especialmente em aceitar o feedback dos outros alunos nas tutorias e nas simulações. “Hoje eu reconheço ser benéfico. A gente consegue conversar com outros alunos sobre pontos positivos e negativos e aceitar melhor isso.”³³

Nas entrevistas com os alunos outros aspectos também foram constantes, como o elogio ao método e a estrutura da faculdade, especialmente com relação as tecnologias oferecidas. Outro ponto recorrente foi o de que o método e a coordenação do curso tendem a respeitar o feedback dos alunos, especialmente quando esse não é positivo. A estudante Isabella Reis explica: “Quando temos algum problema, seja com professores, seja com maneira que as tutorias estão sendo guiadas ou qualquer conflito que ocorra eles buscam resolver da melhor maneira possível”³⁴.

Por outro lado a maior crítica por parte de todos os alunos entrevistados se dá de fato ao início do curso: a dificuldade em estabelecer o método de estudo além de se acostumar com a tutoria. Uma vez que falta uma noção de suficiência necessária para os temas estudados. Mesmo que os tutores estejam presentes para nortear esse estudo foi apontado durante a pesquisa que em alguns momentos falta um pouco de orientação. Em determinados assuntos não se sabe a quantidade de aprofundamento que seria suficiente para entender um tópico específico. Principalmente em módulos onde o aluno apresenta mais dificuldade e não tem tanto prazer em aprofundar na matéria, diferentemente daquelas que possui maior afinidade. “Realmente no início isso acaba sendo mais difícil de lidar, e essas dúvidas acabam sendo sanadas nos momentos das provas, assim agora já estamos mais acostumados e sabemos como agir”³⁵. Outro fator apontado pelos estudantes foi a questão do suporte dos professores, uma vez que em certos módulos alguns dos tutores dão muita liberdade ao aluno. Dessa maneira quando há alguma dúvida fica por conta dos estudantes irem atrás dos docentes, de forma a parecer que em alguns períodos eles se sintam um pouco desamparados.

Vale ressaltar que todos esses aspectos contemplados pelo método analisado vão além do ambiente acadêmico. Ao se preocupar com isso a instituição e os professores visam lançar no mundo profissional um médico que destoe dessa posição distante dos pacientes

³³ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 06 de setembro de 2019.

³⁴ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

³⁵ Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 06 de setembro de 2019

característica da profissão, mas que também se coloque no lugar de quem está sendo atendido. Diminuindo essa distância que existe entre os dois e possibilitando uma relação mais engajada com o bem estar por completo do paciente, que inúmeras vezes reclama do atendimento que recebe nos hospitais³⁶. Além da precariedade do sistema de saúde público (e as vezes do privado), existem esses aspectos que também são importantes na concepção do fornecimento de uma saúde de qualidade e que realmente se preocupe com o ser humano.

Fora dos cursos de humanas muitas vezes os estudantes não são estimulados a desenvolver esse pensamento. Então suas habilidades sociais são mais reduzidas. E incluir esse aspecto diretamente na grade curricular faz uma enorme diferença na formação dos futuros profissionais que a instituição pretende introduzir no mercado de trabalho.

No modelo tradicional do ensino superior questões políticas, sociais e civis têm sido colocadas em segundo plano no currículo dos cursos que não tratam dessas questões de maneira direta (como os da área de ciências humanas por exemplo). Assim muitas vezes os alunos saem de suas instituições sem saber lidar com uma série de fatores e situações extremamente importantes que acontecem no dia-a-dia. É bem comum encontrar alunos das áreas de saúde e exatas, por exemplo, que não conseguem formar opiniões sobre aspectos sociais e políticos do seu cotidiano por não possuir propriedade e nem conhecimento sobre. Visto que durante as suas respectivas graduações o contato com disciplinas que poderiam auxiliar nessas áreas e ampliar a visão de mundo desses alunos é praticamente inexistente.³⁷

Boaventura de Sousa Santos fala em seu texto “Os direitos humanos na pós-modernidade” (1989) sobre como a emancipação social é um dos pilares do projeto de sociedade da qual os direitos humanos fazem parte. Uma ferramenta para tal é a educação, também responsável pela ascensão social das camadas mais sensíveis (minorias) para as quais os direitos humanos buscam construir suas políticas públicas. Devido a isso a inclusão de pautas sociais dentro dos cursos superiores, especialmente na área de saúde conhecida pelo elitismo majoritário, é extremamente importante. Como ferramenta essencial para o debate e a reflexão de temas inerentes a sociedade contemporânea. De maneira fazer os alunos se questionarem sobre isso e na melhor das hipóteses, enquanto profissionais da

³⁶População reclama de embate entre estado e prefeitura sobre hospitais: 'Queremos um atendimento decente'. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/populacao-reclama-de-embate-entre-estado-prefeitura-sobre-hospitais-queremos-um-atendimento-decente-23990404.html>>. Último acesso em 07 de outubro de 2019.

³⁷'Ciências humanas são tão importantes quando exatas e biológicas', diz professora de Harvard. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/30/ciencias-humanas-sao-tao-importantes-quando-exatas-e-biologicas-diz-professora-de-harvard.ghtml>> Último acesso em: 07 de outubro de 2019.

respectiva área que escolheram, o que podem fazer para atenuar essas disparidades constantes no mundo no qual vivem, por exemplo.

Como explicado anteriormente nesta monografia, Paulo Freire também defende em sua obra uma educação na qual o conhecimento não parta somente da instituição para o aluno de forma passiva e unidirecional. Muito pelo contrário, o patrono da educação brasileira é um grande defensor de que o conhecimento deve ser construído de forma conjunta onde ocorra a valorização da prática, para um pensamento crítico capaz de mudança nas estruturas que conduzem e ditam as regras da nossa sociedade.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões, punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber que vai além do saber da pura experiência feita, que leve em conta suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. (FREIRE apud FREITAS, 2004, p.196)

5. Conclusão

A partir do estudo realizado neste trabalho de conclusão de curso entendeu-se que há alguns anos inúmeros autores e pensadores das áreas contempladas nesta monografia vêm defendendo uma mudança no campo educacional a partir de vários aspectos do âmbito comunicacional. Com a revisão bibliográfica feita percebeu-se que a tendência dos educadores é apoiar essa renovação e reestruturação da pedagogia tanto com a facilidade e maiores possibilidades permitidas pelos novos aspectos tecnológicos propiciados pela sociedade da informação atual, quanto pela necessidade de implantar abordagens da comunicação no âmbito escolar/acadêmico.

Uma vez que já houve a quebra dessa unidirecionalidade dos modelos educacionais antigos e os estudantes por si só já carregaram para dentro do espaço escolar sua bagagem de experiências e a tendência para o uso de novos aparatos também para a educação. Além do fato de que os modelos tradicionais tendem a não acompanhar essa transformação. Assim percebeu-se que a educomunicação é um dos caminhos que a pedagogia pode seguir para se adequar a essa sociedade e construir uma educação que não seja mais somente linear e expositiva. Mas que, com a colaboração mútua do professor com aluno na busca pelo conhecimento e acrescida da facilidade das tecnologias da comunicação, caminha para uma educação libertadora e mais consciente do próprio processo de ensino-aprendizagem. E que de fato possibilita a formação de indivíduos críticos e mais sensíveis a realidade na qual estão inseridos. Dado que não sairiam de suas instituições somente com um conhecimento técnico, mas também com reflexões sobre inúmeros aspectos da sociedade em geral.

O estudo também revelou correntes mais críticas com relação a essas novas metodologias da educação. Como percebido após a leitura de Saviani e Mészáros. Sendo que o primeiro, ainda que critique essas metodologias novas, reconhece a possibilidade da utilização dessas formas para chegarem a camadas mais populares, como se deu a partir da figura de Paulo Freire. Ao reconhecer isso o autor abre o diálogo para a capacidade efetiva dessa nova forma da pedagogia, não sendo necessário assim o descarte dessa corrente educacional.

Enquanto isso o segundo se mostrou mais radical, apontando que tais reformas sempre seriam subvertidas pelo sistema vigente na sociedade atual, o capitalismo. Assim somente um rompimento definitivo com a lógica do capital garantiria a implementação de uma educação verdadeiramente diferente. De fato, esse pensamento de Mészáros se mostrou

coerente e realmente o rompimento com o capitalismo seria uma maneira mais rápida e eficaz de solucionar o problema da educação. No entanto percebeu-se que a maioria dos autores estudados apontam que ao menos essa transformação do modelo educativo convencional já é capaz de trazer resultados positivos para a sociedade. Como um aprimoramento da capacidade crítica do indivíduo, o qual por si só já poderia começar a questionar a realidade na qual está inserido e buscar pela própria libertação, como visto a partir de Paulo Freire e Gramsci. E assim, juntamente com o desenvolvimento dessa capacidade também dos demais indivíduos, unir forças para não só mais questionar, mas também alterar esse sistema hegemônico que se perpetua atualmente. Dessa forma, compreendeu-se que esse rompimento viria justamente por meio educação.

Assim, tomando por base essa última consideração, esse trabalho acadêmico percebeu que - ao menos como um primeiro passo mais palpável e menos utópico - cabe as instituições se adaptarem a essa nova realidade. Já que a aplicação dessas novas tecnologias e teorias educacionais é mais adequada a esse cenário que se vivencia hoje. E algumas já estão se incluindo nessa realidade, como o caso da instituição escolhida para o estudo de caso dessa monografia, o UNIPAM. A partir das entrevistas realizadas ficou visível que os aspectos positivos dessa metodologia ativa aplicada na instituição mais o desenvolvimento das habilidades comunicacionais realmente se destacam dentro da faculdade.

Como apontada nas entrevistas com os alunos a disciplina “Habilidades Profissionais da Comunicação” é o componente curricular que mais recebeu elogios por parte dos educandos. Todos os alunos entrevistados apontaram que, além do conhecimento técnico da medicina, essa era aula que eles reconheceram como grande diferencial do curso, justamente pela noção do aprimoramento dessas habilidades que eles perceberam ao longo dos anos da graduação. Seguido também pela autonomia que o método PBL oferece aos estudantes. Ainda que eles tenham apontado que no início do curso tenha sido uma constante difícil de se lidar. No entanto esse fator se deu justamente a adaptação dos alunos ao modelo, uma vez que todos vieram de uma escola com a metodologia tradicional de ensino. Dessa forma, essa independência adquirida a partir da metodologia fez com o que os futuros médicos se sentissem mais aptos a procurar informações por conta própria, não dependessem tanto do professor, uma vez que ele não é a fonte absoluta do conhecimento, e criassem sua própria noção de suficiência e aprofundamento nas matérias estudadas. O que reforçou os ideais teóricos dispostos nos primeiros capítulos, que valorizam o aluno também como fonte de conhecimento e sua capacidade de adquirir novos saberes.

Nesse ponto deparou-se com os aspectos negativos do modelo de ensino. Ainda que os alunos se sintam mais autônomos, existem situações que essa autonomia extrapola o ideal segundo os educandos. Em algumas situações os estudantes se sentem um pouco desamparados pelos professores, como em momentos de dúvidas e também com relação a quantidade de estudo que precisam desenvolver para realizar alguma prova, por exemplo. Os alunos reforçaram que esses problemas acontecem também mais no início do curso, uma vez que não estão acostumados com a metodologia ativa, e com o passar os semestres aprendem a melhor forma de lidar com essas situações.

Sendo assim foi válido entender tais críticas e também se percebeu que tais levantamentos não anulam a validade do modelo. Visto que os pontos positivos se mostraram mais significativos. Especialmente por estimular capacidades do estudante (citadas anteriormente) que não são exploradas pelo modelo convencional da educação. A qual, como foi percebido nesse estudo especialmente através da bibliografia utilizada, tem mostrado uma dificuldade em dialogar com os alunos. Dado que esses já possuem outros meios para adquirir conhecimento e o modelo tradicional não consegue mais de maneira tão eficiente captar a atenção dos educandos e estimular a produção e aquisição do saber.

Esse estudo de uma metodologia alternativa ao modelo tradicional fez com que novas questões se propusessem. Ainda com o foco nas teorias e metodologias educacionais poderia ser feita uma comparação detalhada de um mesmo curso dentro de uma metodologia tradicional e em uma metodologia nova. Podendo aprofundar ainda mais nas diferenças entre os modelos e assim possibilitar o desenvolvimento de um método que se adeque aos pontos positivos de cada metodologia, por exemplo. Outra possibilidade seria procurar diretamente uma instituição que já mescle as duas concepções da educação e aplique um método educativo híbrido. Comparando assim aos modelos anteriores e analisando se essa seria uma solução para resolver as lacunas de ambos os sistemas.

Fora desses estudos que se interligam diretamente a questão das correntes educacionais outras questões também surgiram com a realização deste trabalho. Assim também é válido pesquisar de forma mais profunda a questão apontada por Mészáros, e o que o leva a desacreditar - para além de sua obra - que a educação não seja inteiramente capaz de romper com as amarras do capitalismo. Uma vez que ele aponta ser necessário um rompimento prévio desse sistema para que a educação de fato se consolide. Além disso um ponto extremamente importante encontrado nas entrevistas com os alunos do UNIPAM e que merece um aprofundamento específico foi a falta de reflexões sociais e políticas em

cursos fora do campo das ciências humanas. Esse tópico se mostrou muito pertinente ao autor deste trabalho seja para entender o porque deste fenômeno, seja para buscar soluções para esse problema. Todos esses estudos sucessivos contribuiriam para uma continuidade do tema desta monografia, visto que é um tópico que se desdobra de inúmeras maneiras. Assim pesquisas sobre essa área são extremamente necessárias na busca de resultados cada vez mais positivos no campo da educação

6. Referências Bibliográficas:

ANDRELO, R. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. In: **Revista HISTEDBR On-line**, v. 12, Campinas, p. 139-153, 2012.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias**: após a morte da infância. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. São Paulo, SENAC, 2004.

_____. Comunicação e Educação: convergências educacionais. In: **Comunicação, mídia e consumo**. Revista do programa de pós-graduação em comunicação da ESPM. v. 7, São Paulo, p. 67-85, 2010.

_____. Comunicação e educação: os movimentos do pêndulo. In: **Revista Famecos**, v. 25, Porto Alegre, p. 1-15, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, filosofia e educação. In: **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 13-40, 2013.

MESQUITA, Naiane Gomes de. **Os Desafios da Educomunicação com a Aceleração Social do Tempo**. Intercom Centro-Oeste. Campo Grande. 2018.

MESZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

RIMOLI, A. P. C. O mundo da comunicação e o mundo da criança. In: **Revista Comunicação & Educação**, n. 1, São Paulo, p. 51-59, 2016.

SARTORI, Ademilde. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. In: **Revista CMC**, v. 7, São Paulo, p. 33-48, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez: Autores associados. 1989.

SILVA, João Paulo Bastos da. **Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia**. Porto Alegre. Editora Fi, 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, p. 12-24, 2000.

_____. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo:

Atlas, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os direitos humanos na pós-modernidade. In: **Direito e sociedade**. Coimbra, n.4, p.3-12, 1989.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação. **Petrópolis: Ed Vozes, 2012.**

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.